

# Jornal de Letras

Opiniões

Depoimentos

Novos Lançamentos

Entrevista

Literatura Infantil

Número:

# 279

Mês: Maio

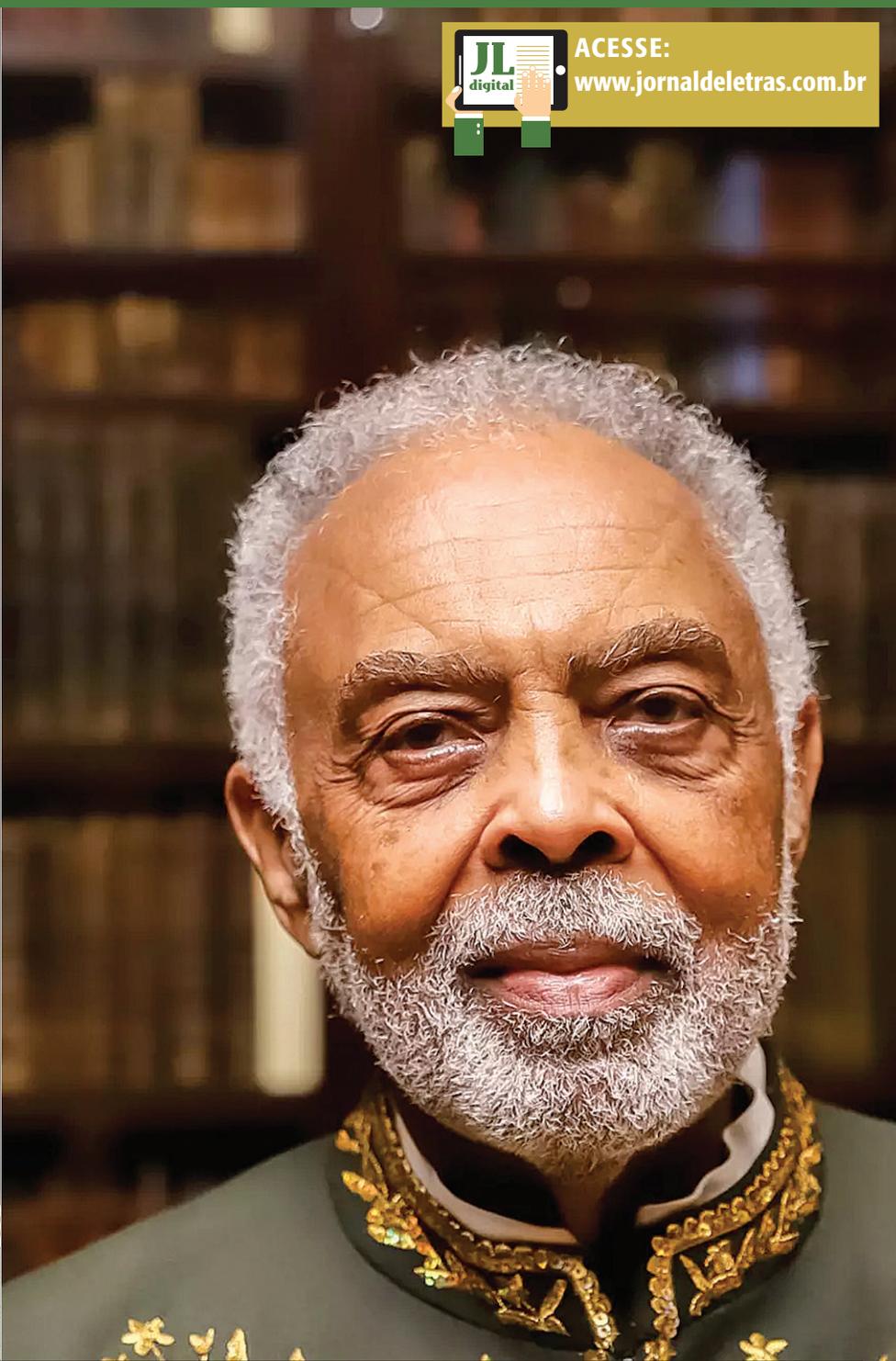
Ano: 2022

Preço: R\$ 5,00



ACESSE:

[www.jornaldeletras.com.br](http://www.jornaldeletras.com.br)



## Posse de Fernanda Montenegro e Gilberto Gil na Casa de Machado

Fernanda Montenegro sucedeu o acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco na cadeira nº 17 da ABL e foi recebida pela acadêmica Nélide Piñon. Já Gilberto Gil sucedeu o acadêmico Murilo Melo Filho na cadeira nº 20, sendo recebido pelo acadêmico Antonio Carlos Secchin. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)

# JL Editorial

Estamos vivendo uma temporada de posse na Academia Brasileira de Letras. Depois de Fernanda Montenegro e Gilberto Gil, será a vez do médico Paulo Niemeyer, e assim a Casa de Machado de Assis vai completando os seus quadros. O JORNAL DE LETRAS vai cumprindo a sua missão, dando cobertura a essas posses, que se fazem com o brilho de sempre. Na medida do possível, transcrevemos trechos dos discursos de saudação, por parte de imortais, que são peças literárias de primeira ordem. Com a morte sentida de Lygia Fagundes Telles, abriu-se mais uma vaga e a ABL se movimenta para o devido preenchimento. São disputas democráticas, em que os candidatos precisam alcançar os 20 votos necessários para garantir a eleição. Acompanhamos bem de perto esse movimento e, na medida do possível, daremos cobertura jornalística a esses fatos, pois se trata da nossa obrigação. Esperamos que o nosso público esteja apreciando devidamente esse empenho do JL.

O editor.



O colaborador do JORNAL DE LETRAS, Jonas Rabinovitch, radicado em Nova York, em visita à equipe do Jornal, professor Arnaldo Niskier, Manoela Ferrari e Andréia N. Ghelman.

## JL Expediente

**Diretor responsável:** Arnaldo Niskier

**Editora-adjunta:** Beth Almeida

**Colaboradora:** Manoela Ferrari

**Secretária executiva:** Andréia N. Ghelman

**Redação:** R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com

**Distribuidores:** Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048

**Correspondentes:** António Valdemar (Lisboa).

**Programação Visual:** CLS Programação Visual Ltda.

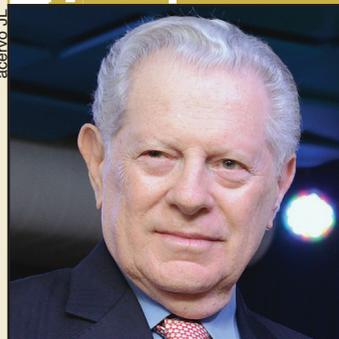
**Fotolitos e impressão:** Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114

**Versão digital:** www.jornaldeletras.com.br

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO  
INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.

# JL Opinião

Arnaldo Niskier



## Gil e a luz do luar

Com belíssimas imagens poéticas, o acadêmico e poeta Antônio Carlos Secchin saudou a chegada do cantor e compositor Gilberto Gil à Academia Brasileira de Letras, em noite das mais concorridas. Recebeu o colar da nova imortal Fernanda Montenegro.

Secchin dedicou parte do seu discurso à esposa de Gil, Flora, grande inspiradora da sua consagrada carreira, onde pontuam mais de 600 músicas que enriquecem o cancionário popular brasileiro, entre as quais o famoso “Aquele abraço”. Garantiu que a presença de Gil será iluminada por uma permanente luz do luar.

Muitos aplausos interromperam o discurso do grande cantor quando ele criticou o atual tratamento discriminatório dado pelo governo federal à cultura brasileira. Ficou claro o inconformismo também da plateia. “Há uma guerra em prol da desrazão e do conflito ideológico nas redes sociais de internet, e a questão merece a atenção dos nossos educadores e homens públicos. A ABL tem muito a contribuir nesse debate civilizatório. E eu gostaria aqui, efetivamente, de colaborar para o debate, em prol da justiça e da cultura”, disse o novo imortal.

Em artigo no jornal *O Globo*, Merval Pereira escreveu a respeito do General Lyra Tavares, antecessor de Murilo Melo Filho na cadeira 20 da Casa de Machado de Assis: “Gil falou a seu respeito com elegância e generosidade, apesar de ter sido vítima da repressão militar que tomou conta do país, a partir de 1964.” O novo acadêmico falou do comportamento sempre afável e solidário, no convívio com os imortais, num gesto de grandeza moral. Lyra Tavares era irmão mais velho de João Lyra Filho, que foi reitor da UERJ e era também notável escritor.

Gil recordou sua participação no movimento chamado de Tropicália e disse da sua profunda tristeza quando perdeu o filho Pedro Gil, morto num acidente de automóvel, em 1989.

Primeiro representante de música popular do Brasil, filho de professora primária Claudine e do médico José Gil Moreira. Gilberto chegou à ABL de forma consagrada, substituindo o jornalista potiguar Murilo Melo Filho, que me coube saudar na chegada à ABL. Foi muito aplaudido, numa cerimônia marcada para sempre pelo número de convidados e a diversidade da sua composição.

“Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades,  
lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas  
do que parecia impossível.”

Charles Chaplin

“Devemos lembrar que a ficção não significa falsidade.”

Arthur Helps

# Adeus à grande dama da literatura

Ícone da literatura brasileira, considerada por críticos “a maior escritora brasileira enquanto viva” e uma das mais importantes e notáveis escritoras brasileiras do século XX, Lygia Fagundes Telles também era chamada de “a grande dama da literatura brasileira”.

Imortalizada na Academia Brasileira de Letras desde a década de 1980, a saudosa acadêmica Lygia Fagundes Telles – que já recebeu os principais prêmios da Língua Portuguesa – nos deixou no dia 3 de abril, aos 98 anos.

Na 17ª edição do Prêmio Camões, maior láurea concedida a escritores de países com o português como a língua oficial, ocorrida em 2005, Lygia foi anunciada a vencedora. Ganhadora de todos os prêmios literários importantes do Brasil, homenageada nacional e internacionalmente, tornou-se, em 2016, aos 92 anos, a primeira mulher brasileira a ter sido indicada ao prêmio Nobel de Literatura.

Em nota assinada pelo presidente da Academia Paulista de Letras, José Renato Nalini destacou Lygia como “a mais notável personalidade da literatura brasileira, patriota e democrata, já era lenda em vida”.

Nascida na cidade de São Paulo, cresceu em Sertãozinho e outras pequenas cidades do interior paulista. Desde pequena, demonstrou interesse pelas letras. Além de romancista e contista, era também advogada. Lygia teve grande representação no pós-modernismo, e suas obras retratavam temas clássicos e universais como a morte, o amor, o medo e a loucura, além da fantasia.

Sua estreia literária foi com o livro de contos *Porão e Sobrado* (1938), já muito bem recebido pela crítica. O sucesso se repetiu pela carreira. O terceiro livro de contos dela, *O Cacto Vermelho*, lançado em 1949, recebeu o Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras. Seu primeiro romance, *Ciranda de Pedra*, publicado em 1954, tornou-se nacionalmente conhecida. Adaptado para a TV Globo, em 2008, por Alcides Nogueira, com a colaboração de Mário Teixeira, Lucio Manfredi e Cristiane Dantas, *Ciranda de Pedra* se tornou famosa telenovela.

Em paralelo à carreira literária, trabalhou como procuradora do Instituto de Previdência do Estado de São Paulo, cargo que exerceu até a aposentadoria, e foi presidente da Cinemateca Brasileira, fundada pelo marido Paulo Emílio Sales Gomes.

A década de 1970 marcou seu êxito literário e consagração internacional, com *Antes do Baile Verde* (1970), cujo conto que dá título ao livro venceu o Grande Prêmio no Concurso Internacional de Escritoras, na



Eternizadas por laços afetivos e literários, a acadêmica Nélida Piñon lamentou a morte da amiga: “Lygia Fagundes Telles merece estar no Panteão da Pátria. Não somente foi uma grande contista, uma grande escritora, como uma ilustre brasileira, que nunca falhou no trato pessoal, no trato coletivo e na sua consciência nacional” (foto da década de 1970, acervo pessoal de Nélida Piñon).

A escritora Lygia Fagundes Telles, com as acadêmicas Rachel de Queiroz e Nélida Piñon, em foto de 1994 (Acervo IMS).



França. Com *As Meninas*, em 1973, ganhou o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, o Prêmio Coelho Neto da Academia Brasileira de Letras. A escritora ingressou na Academia Paulista de Letras em 1982, e, em 1985, ocupou a cadeira de número dezesseis da Academia Brasileira de Letras. Naquele mesmo ano, tornou-se membro da Academia das Ciências de Lisboa.

O acervo pessoal da autora está sob a tutela do Instituto Moreira Sales. Referência para o público e para os colegas, sua prosa clara em posicionamentos políticos deixará saudades.

## Lendas do mar

Por Danilo Gomes\*

“Quanto menos El Rey espera,  
mais eu chego,  
noite alta, madrugada, manhã cedo,  
na nau catarineta da quimera.”  
(Trecho do poema “Um fado cego”, de Donne Pitalurgh.)

Eis-me, em silêncio, diante do mar.  
O marulho, os arrecifes, as gaiotas  
e essa brisa.  
No horizonte, no distante horizonte,  
grandes cavalos marinhos,

monstros medievais,  
góticos unicórnios voadores,  
o fantasma de Diogo Cão  
na luz noturna do fogo de Santelmo.  
E naus, galeões, caravelas,  
que chegam de Portugal, a mando d’ El Rey,  
para quem é pouco tanto mar,  
além do Cabo das Tormentas.

O que me traz aventura e fantasia,  
nesse vazio horizonte azulado,  
são lendas do mar-oceano,  
suas borrascas, temporais, naufrágios,  
para além da vida já vivida  
e para além da morte,  
que não tarda,  
com suas foices de aço toledano.

\*Danilo Gomes é membro da Academia Mineira de Letras.

● **COMO PARTE** das comemorações de 120 anos do nascimento de Carlos Drummond de Andrade e dos 80 anos da Record, o grupo editorial deu início à reedição de toda a obra do poeta mineiro, que deve incluir 63 títulos ao longo dos próximos anos. O pacote inicial, já nas livrarias, inclui *Alguma Poesia*, *Claro Enigma*, *Sentimento do Mundo* e *Antologia Poética*, com posfácios de fãs renomados. Os volumes têm trabalho extenso do professor Edmilson Caminha e do poeta Alexei Bueno.

● **IMPLACÁVEIS** – *COMO NÓS CONQUISTAMOS O MUNDO*, primeiro livro da série infantojuvenil do historiador israelense Yuval Noah Harari, trazendo para o universo infantil questionamentos profundos, será publicado no Brasil pela Companhia das Letrinhas, no dia 15 de setembro, com tradução de Laura Teixeira Motta.

● **O SELO INFANTIL** *Pingo de Letra*, do Grupo Editorial Scortecci (que completa 40 anos em agosto), ganhou uma loja virtual exclusiva para comercialização de seus títulos.

● **DIÁRIO ESTOICO** (Ed. Intrínseca), de Ryan Holiday, em parceria com Stephen Hanselman, apresenta uma seleção de 366 citações de estoicos ilustres. A ideia é tornar acessíveis lições de grandes filósofos.

● **DE FOLHAS QUE RESISTEM** (Biblioteca Azul), livro de estreia de Raïssa Lettière, reúne 21 contos que abordam temas contemporâneos como memória, desejo e conflito familiar.

● **ENTRE AS NOVIDADES** que chegarão às livrarias este mês de maio, estão uma reedição do clássico de terror e ficção científica *A ilha do Dr. Moreau* (Principis), de H.G. Wells; *A Cláusula do Pai* (Editora Áyiné), romance de dramas familiares do premiado Jonas Hassen Khemiri; e a nova Bíblia infantil, publicada pela Ciranda Cultural.

● **A RIA LIVRARIA**, na Vila Madalena, em São Paulo, inaugurou um projeto de oficinas literárias. Na abertura, um curso do escritor Paulo Scott, autor, entre outros livros, de *Marrom e Amarelo* (Editora Companhia das Letras).

● **PUBLICADO PELA** Editora Contexto, *A Ilusão da Lua*, escrito em linguagem acessível pelo professor de Física da Unicamp Marcelo Knobel, é um convite ao leitor curioso que deseja desenvolver o pensamento crítico contra a atual onda anticientífica.

● **COM O SELO** Rosa dos Ventos, a jornalista e ex-deputada federal Manuela d'Ávila lançou *Sempre Foi sobre Nós*. O livro tem prefácio de Anielle Franco, irmã de Marielle, e depoimentos de Dilma Rousseff, Isa Penna, Maria do Rosário, Benedita da Silva, entre outros nomes femininos da política nacional.

● **EM O Livro do Conforto** (Intrínseca), o autor best-seller Matt Haig reúne pensamentos filosóficos e conse-

lhos práticos que ajudam a superar momentos difíceis.

● **COM NOVO** projeto gráfico e posfácio da professora da USP Ana Paula Simioni, a artista e professora Gabriela Barzaghi De Laurentis lançou *Louise Bourgeois e Modos Feministas de Criar*. A obra trata da história da arte e do lugar da mulher nessa história a partir de uma das artistas plásticas mais importantes do século XX, a franco-americana Louise Bourgeois (1911-2010).

● **EM A Construção de Mim Mesma** (Ed. Objetiva), Letícia Lanz relata como foi se assumir mulher transgênero aos 50 anos de idade. Lanz é psicanalista, palestrante, ativista e foi candidata à prefeitura de Curitiba em 2020. É casada, tem três filhos e cinco netos.

● **A TRAJETÓRIA** de três mulheres com destinos entrelaçados durante a Revolução Russa e a Primeira Guerra Mundial é o fio condutor de *Rosas Esquecidas* (Intrínseca), de Martha Hall Kelly.

● **A COLETÂNEA** *Mestres do Mistério*, lançada pela Faro Editorial, com curadoria de Vitor Bonini, traz cinco histórias em que os crimes acontecem no interior de salas que estavam trancadas por dentro, em intrincados contos de autores clássicos como Arthur Conan Doyle e Edgar Allan Poe.

● **PUBLICADO PELA** editora Serena, *Sobre a Brevidade da Vida*, livro popular do filósofo romano Sêneca, escrito há quase 2 mil anos, mostra preocupações pertinentes às pessoas que se sentem perdendo tempo atrás de objetivos sem valor ou sentido.

● **A EDITORA** Avis Rara publicou *O Bom Senso*, de Thomas Paine, manifesto originalmente lançado em 1776. A obra propõe reflexões de caráter filosófico e seu conteúdo tem sido utilizado para embasar discussões sobre os mais variados assuntos relacionados à liberdade e a democracia em nossa época.

● **EM A Vontade das Coisas** (Ed. Ubu), a filósofa e psicanalista francesa Monique David-Ménard reúne vasto repertório na reflexão sobre os objetos que nos cercam. O volume integra a coleção Explosante, coordenada pelo filósofo Vladimir Safatle.

● **A SOMA DE TODOS OS AFETOS** (Faro Editorial), o primeiro livro da blogueira mineira Fabíola Simões, foi relançado junto com outros títulos da escritora, como *Deixei meu Coração no Modo Avião* e *Textos para Acalmar Tempestades*.

● **A Editora** Telha lançou edital para seu primeiro Concurso Literário. Na estreia do projeto, o tema é antirracismo. O concurso está aberto a autores brasileiros maiores de 18 anos. Os textos devem ser enviados por e-mail até 31 de julho.

**DIA DAS MÃES**  
**LIVRO: AMOR VISÍVEL**



● **VIVER UMA VIDA FEMINISTA** (Ed. Ubu), da anglo-australiana Sara Ahmed, referência no debate das ideias feministas, mistura seu cotidiano acadêmico, familiar e afetivo com os conceitos teóricos defendidos em seus livros.

● **NOVA EDIÇÃO** de *A Revolução dos Bichos* leva a mais leitores a alegoria fantástica que o inglês George Orwell escreveu sobre o totalitarismo e as consequências da Revolução Russa de 1917. Traduzido por Júlio de Andrade Filho, chegou às livrarias pela Editora Serena.

● **NA COLEÇÃO** de ensaios reunidos em *Feminismo na Periferia* (Ed. Rua do Sabão), a ativista americana Mikki Kendall aponta para a legitimidade do movimento no mundo moderno.

● **UMA NOVA** edição de *O Poderoso Chefão*, de Marío Puzo, em tradução de Denise Bottman para a Record, nasce das comemorações dos 50 anos do filme que Francis Ford Coppola dirigiu em 1972, com Marlon Brando e Al Pacino, ganhando várias estatuetas no Oscar.

● **UM EXEMPLAR** com a primeira aparição do Capitão América nos quadrinhos, com data de março de 1941, foi comprado num leilão no Texas por 3,12 milhões de dólares, entrando na lista dos cinco gibis mais caros da história.

● **PELA PRIMEIRA** vez este ano, sete das onze categorias do Troféu Angelo Agostinji apresentam mulheres entre as vencedoras na mais tradicional premiação brasileira de quadrinhos, promovida há 37 anos pela Associação de

Quadrinistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo (AQC-ESP).

● **PARA COMEMORAR** os 200 anos de nascimento de Maria Firmina dos Reis (1822-1917), primeira mulher negra a publicar um romance no Brasil, o Itaú Cultural disponibilizou um material especial em seu site, em que se pode conhecer mais sobre a importância da autora.

● **CONTEMPLANDO** sete categorias para participação nacional e mais duas restritas a moradores da cidade, o concurso amazonense *Prêmios Literários Cidade de Manaus* oferece um total de R\$ 41 mil em prêmios aos vencedores. O resultado será publicado no Diário Oficial do município, no dia 8 de agosto.

● **EM O Cotidiano Extraordinário: a vida em pequenas crônicas** (W4 Editora) o jornalista paraense Lissânder Dias reuniu 71 textos que traduzem seu olhar de valorização sobre temas do dia a dia.

● **OS FINALISTAS** da edição de 2022 do *International Booker Prize* – que homenageia autores e tradutores por uma obra de ficção traduzida para o inglês e publicada no Reino Unido ou Irlanda – serão divulgados no dia 25 de maio. Este ano, o valor do prêmio subiu para 80 mil libras (aproximadamente R\$ 494 mil).

● **ANTOLOGIA** organizada por Augusto Massi, professor de Literatura Brasileira na USP, *Os Sabiás da Crônica* (Autêntica) traz textos de Rubem Braga, Vinicius de Moraes, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Stanislaw Ponte Preta e José Carlos Oliveira, escritos entre 1930 e o início do século XXI.

# Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

## Retificando

“Confirmando que o valor estava correto. Os fatos retificaram a previsão do departamento.”  
Melhor verificar novamente. O vocábulo foi utilizado erroneamente no período.

Veja: **Ratificar** – significa confirmar, comprovar. **Retificar** – significa corrigir, emendar.

Período correto: “Confirmando que o valor estava correto. Os fatos **ratificaram** a previsão do departamento.”

## Suspensão justa

“O atraso constante da aluna implicou em suspensão por dois dias.”

A punição seria mais justa se o complemento do verbo implicar estivesse certo.

Este verbo, no sentido de acarretar, é **transitivo direto**, logo o seu complemento – objeto direto – **não admite preposição**.

Frase correta: “O atraso constante da aluna implicou **suspensão** por dois dias.”

## Cedev ou não?

Thiago disse para Liliane: “Ou chegas **cedo** ou não **cedo**.”

Perfeito! Cuidado com os **homônimos perfeitos** (palavras de grafia igual e significado diferente). No primeiro caso: **cedo** é referente ao advérbio de **tempo**. No segundo caso: **cedo** é o presente do indicativo do verbo **ceder** (eu **cedo**, tu **cedes**, ele **cede**, nós **cedemos**, vós **cedeis**, eles **cedem**).

## Filme ruim

“Isac foi com a esposa na estréia do filme tão aguardado.”

Não será sucesso de audiência! Não se usa mais o acento dos ditongos abertos **éi** e **ói** das palavras paroxítonas (palavras que têm acento tônico na penúltima sílaba). Período correto: “Isac foi com a esposa na **estreia** do filme tão aguardado.”



## Reunião cancelada

“Ao invés de fazermos um relatório, discutiremos no encontro com o prefeito.”

Não vai fechar negócio, dessa maneira. Veja: **Em vez de** utiliza-se como uma **substituição**, já **ao invés de** é utilizado como **oposição**. Ex. Subimos, **ao invés de** descer a escada rolante. Frase correta: “**Em vez de** fazermos um relatório, discutiremos no encontro com o prefeito.”

# Ossian e os “poemas gaélicos”

Por Getúlio Marcos Pereira Neves\*

Polêmicas atraem a atenção das pessoas, o interesse dos leitores, a curiosidade do público em geral. Nos domínios da Literatura, não são poucas as que se podem listar ao longo dos tempos: de embates entre polemistas nas páginas dos jornais a julgamentos de autores na barra dos tribunais, de acusações de plágio a atribuições duvidosas de autoria, o interessado nesses assuntos tem matéria de sobra com que se ocupar. Lembremos O sonho de Ossian, tela de Ingres, uma das favoritas de Napoleão Bonaparte; trata-se da representação de um sucesso literário sem precedentes, mas que acabaria por se tornar numa das maiores polêmicas literárias de todos os tempos. Vejamos resumidamente os principais lances dessa verdadeira novela, para o qual me socorro de informações contidas em texto anterior saído no meu Breves Notas Quase-literárias (2019).

Em 1760, o poeta escocês James Mac Pherson fazia publicar os chamados “poemas gaélicos”, atribuindo a autoria a um bardo celta de origem escocesa chamado Ossian. Os poemas teriam sido recolhidos e traduzidos para o inglês pelo próprio Mac Pherson. De imediato, a iniciativa serviria de pretexto para disputas políticas entre escoceses e irlandeses, que partilhavam um passado celta comum. A situação se agravou quando um crítico, Samuel Johnson, acusou Mac Pherson de “charlatão, mentiroso e uma fraude”, pois os poemas não passariam de falsificações. Instalados dois partidos, contra e a favor de Mac Pherson, o autor escocês Hugh Blair instalou-se no segundo, “provando” a auten-

## Curiosidade

**Hagiônimo** é a designação dada aos nomes sagrados, sendo facultativo o uso de letras maiúsculas. Exemplo: muitos católicos são devotos de Santo (ou santo) Antônio, de São (ou são) Jorge, entre outros, mas todos acreditamos em DEUS.

## Beleza?

“Qualquer pessoa se detem para observar as belezas da cidade que se preparou para receber os visitantes.”

Escrito desse jeito não desperta a vontade esperada. O verbo **deter** é derivado do verbo **ter** e, na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, tem acento agudo (oxítone terminada em **-em**): **detém**.

Período correto: “Qualquer pessoa se **detém** para observar as belezas da cidade que se preparou para receber os visitantes.”

## Bulliyng?

“O rapaz ficava muito triste quando os colegas da escola diziam que ele era um João ninguém.”

De fato, uma situação muito desagradável e ainda errada. Quando um nome próprio se torna um substantivo comum, deve ser escrito com letra minúscula, como qualquer outro. Nesse caso, ainda há o hífen: um **joão-ninguém**. Período correto: “O rapaz ficava muito triste quando os colegas da escola diziam que ele era um **joão-ninguém**.”

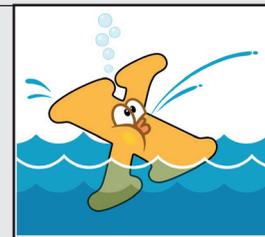
## Ortografia

O **X** e o **CH** são motivo de muitas dúvidas: enxarcar ou encharcar?

Quando o **en** é prefixo, usado para se formar uma palavra derivada, respeita-se a grafia da palavra primitiva.

Observe: enchente, enchimento (vêm de **cheio**), encharcar (vem de **charco**), enchocalhar (vem de **chocalho**) etc.

Em tempo: **ortografia** quer dizer escrita correta, logo escrever ou dizer “ortografia correta” é redundância.



## Regimento interno

“O regimento da faculdade do Gabriel previa advertências aos alunos que transgridissem as normas de disciplina previstas.”

Primeiramente, deveriam se preocupar com a correção na escrita do verbo transgredir. É um verbo irregular e, em algumas pessoas do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo, o **e** do radical passa para **i**. Observe: transgredido/ transgredides/ transgredide/ transgredimos/ transgredis/ transgridem; transgrida/ transgridas/ transgrida/ transgridamos/ transgridais/ transgridam.

Entretanto, não é o caso do imperfeito do subjuntivo, pois não há a troca do “e”. Logo a forma correta é **transgredissem**.

**Período correto:** “O regimento da faculdade do Gabriel previa advertências aos alunos que **transgredissem** as normas de disciplina previstas.”

tidade dos poemas. Por essa altura, o já controverso Ossian era traduzido em várias línguas europeias, tornava-se tema para telas e óperas, e suscitava declarações apaixonadas de personalidades como Thomas Jefferson.

Mas as discussões não tinham fim: a dada altura, o antiquário irlandês Charles O’Connor negou a autenticidade do material e o Comitê da Sociedade das Terras Altas intervinha, indagando da autenticidade dos manuscritos originais de Ossian. Em suma, no início do século XIX, discutia-se a origem das fontes utilizadas por Mac Pherson, se irlandesas ou em inglês, em fragmentos gaélicos, entremeados de texto de autoria do próprio Mac Pherson, ou em tradições escocesas gaélicas genuínas, como sustentado por ele.

Para resumir a celeuma: em 1952, o estudioso escocês Derick Thomson concluiu que Mac Pherson utilizou fontes gaélicas genuínas, mas as alterou, interpolando material de autoria própria. Recente atualização da investigação, a cargo das Universidades de Coventry e Oxford, constata similaridades entre os poemas de Ossian e narrativas mitológicas irlandesas – algo, aliás, sempre refutado por Mac Pherson.

O interessante é que, durante a maior parte da controvérsia, Mac Pherson, falecido em 1796, repousava na Abadia de Westminster, entre outros prestigiosos autores britânicos. E, ainda que tão admirado por Napoleão Bonaparte, o ciclo de poemas ossiânicos influenciaria por toda a Europa movimentos literários pré-românticos de caráter nacionalista – como se sabe, fundados em contraposição às invasões napoleônicas.

A respeito, continuo concluindo, como no texto a que me referi, que, a se descartar a versão de Mac Pherson (algo que não se logrou), o Ossian representaria de fato um assombroso caso de “história de manuscrito” levado às últimas consequências.

\*Getúlio Marcos Pereira Neves é membro do PEN Clube do Brasil.

**HUMBERTO CASAGRANDE**

# Aprendiz, jovem, mercado de trabalho

**Arnaldo Niskier:** Hoje, com muito prazer, recebemos a visita do superintendente do CIEE de São Paulo, Humberto Casagrande Neto. Ele tem um trabalho muito bonito dentro do sistema do CIEE, em São Paulo, e fará uma série de sugestões que, certamente, serão aproveitadas pelo sistema.

**Humberto Casagrande:** É uma satisfação estar aqui nesse prestigiado programa dirigido por uma figura tão importante que tanto tem contribuído para o Brasil como você e poder discutir um assunto (aprendiz, jovem, mercado de trabalho) que é tão caro à sociedade brasileira.

**Arnaldo Niskier:** E, por falar nisso, como vai a contratação de aprendizes? Sei que existe uma ideia de o governo ajudar na contratação. Gostaria que explanasse um pouco como vai essa contratação de aprendizes.

**Humberto Casagrande:** Felizmente, sentimos uma retomada nas contratações nesse início de 2022, porque a pandemia atingiu em cheio o mercado de estagiários e aprendizes. Tivemos queda de 1/3 da carteira de aprendizes e estagiários, porque as empresas, no caso dos aprendizes, retardaram a reposição nas vagas e, no caso dos estagiários, deixaram de contratar. Fazíamos, aqui em São Paulo, 30 mil contratos por dia. Chegamos, logo no início da pandemia, a cair para 4 mil contratos, e agora já estamos na faixa dos 25 mil contratos por dia, próximos a retomar a atividade anterior à pandemia. Isso é uma coisa muito boa, porque a aprendizagem, o aprendiz é a única maneira do jovem trabalhar legalmente no Brasil. Não existe nenhuma outra ferramenta legal que permita o jovem menor de 18 anos trabalhar no Brasil. A aprendizagem abarca um intervalo de 14 a 24 anos, então o Brasil precisa desse potencial, dessa força de trabalho para os jovens e levar um pouco de esperança para essa juventude tão sofrida.

**Arnaldo Niskier:** Fala-se muito no estatuto do aprendiz. Quer a sua opinião a respeito. É fundamental que haja o estatuto do aprendiz?

**Humberto Casagrande:** Sim, esse estatuto vai ser muito importante como novo marco legal para a aprendizagem. As leis que foram feitas no início do ano 2000 para o aprendiz deixaram muita coisa no infralegal, ou seja, coisas que podem ser resolvidas por Portarias, Decretos, então isso gerou uma grande instabilidade no programa de aprendizagem. Troca-se governo, troca-se ministro, troca-se secretário e cada um dava uma canetada lá, alterando a quantidade de horas que podia ser feita em ensino a distância, alterando regras que seriam aplicadas, mudando o cálculo das cotas que pode ser mudado na forma infralegal. Aí então vem o deputado Marco Bertaiolli, que era o relator desse projeto. Uma pessoa muito dedicada ao mundo dos jovens, muito próximo da comunidade, da juventude e está relatando esse projeto, que vai fazer o quê? Vai subir para lei vários pontos, como esses que mencionei: quantidade de horas, ensino EaD, a forma de abordar a aprendizagem. Assim, vai trazer uma estabilidade maior nesse marco legal, possibilitando

que empresas, jovens, entidades formadoras e todos saibam as regras e, a partir daí, possam fazer crescer. Precisamos ir dos milhares para milhões. Hoje temos 500 mil aprendizes, no Brasil, e há 17 milhões de jovens que precisam trabalhar. Então, vemos que acaba tendo o aprendiz, o jovem de primeira classe e de segunda classe. Os de primeira classe são aqueles que acessam esses programas, tem a sorte (alguns acham até que é ajuda divina) de conseguir ingressar nesses programas e outros ficam de fora. Precisamos incluir mais gente, aumentar o número de vagas e levar, como disse, essa esperança e transformação na vida do jovem brasileiro.

**Arnaldo Niskier:** É vantajoso para a empresa contratar aprendizes. Ela tem vantagens com isso?

**Humberto Casagrande:** Sem dúvida. Muitas empresas costumam, às vezes, olhar para o aprendiz apenas como obrigação (elas têm aquela obrigação legal de fazer aquela contratação), mas se elas se detiverem um pouco mais de tempo no assunto e pensarem, existe uma série de vantagens. Em primeiro lugar, ela vai trazer para dentro da empresa um jovem antenado com as novas realidades do mundo: inserção tecnológica, a nova maneira de pensar do consumidor, aquela energia toda que o jovem traz, então isso vai possibilitar a renovação da empresa. Toda empresa que é permeável ao jovem se renova e se prepara para o futuro. Segundo, existe um conjunto de benefícios para contratar aprendizes, os encargos sociais são bastante reduzidos. Terceiro, é uma importante política de recursos humanos, a empresa pode pegar esses aprendizes, selecionar os melhores para virar seus futuros funcionários, pode fazer uma espécie de *test drive*, fazer uma seleção daqueles que melhor lhe agrada, pode moldar (no bom sentido, não no sentido de adestrar) esse jovem de acordo com as necessidades da empresa, um novo talento. Então, vejo como muito vantajosa e ainda, como efeito colateral, vai melhorar o balanço social dessa empresa. Hoje falamos do ESG (*Environmental Social and Governance*), governança, meio ambiente e a parte social. A empresa vai ter esse benefício de estar melhorando seu quadro ESG, tornando-se uma empresa moderna, com responsabilidade social, como efeito colateral do trabalho do aprendiz. Então, vejo que o aprendiz é bom para a empresa, é bom para o jovem e é bom para o país.

**Arnaldo Niskier:** Há uma ideia hoje vigente de reforma do ensino médio. Fala-se muito que estamos diante de um novo ensino médio com o fim da seriação, os livros didáticos teriam outra conformação. Como fica o ensino médio com essa reforma?

**Humberto Casagrande:** Essa é uma grande oportunidade para colocarmos em conjunto o novo ensino médio e a aprendizagem. O novo ensino médio prevê a dupla jornada, ou seja, os jovens estudarão tanto de manhã quanto à tarde. A ideia é boa, ocupar esses jovens, entretanto a dificuldade de implantação é enorme, precisa-se de verbas, de professores, as escolas têm que se adaptar. Também há uma menção de que o ensino deve melhorar a empregabilidade dos jovens. Então o que seria feito? No primeiro período, o

jovem teria aulas normalmente, como sempre teve, e no segundo período, seja de manhã ou à tarde, trabalharia como aprendiz, então poderíamos buscar essa conjugação de atividades. A reforma do ensino médio prevê cinco itinerários e o jovem vai fazer a opção dele, em qual itinerário quer seguir. Um desses cinco, que é o chamado itinerário número 5, prevê a profissionalização, o trabalho técnico. Nesse itinerário 5, seria acoplado o programa de aprendizagem. A escola, seja particular ou pública, faria um convênio com entidades capacitadoras e o jovem seria, ao mesmo tempo, um estudante do ensino médio num período e aprendiz no segundo período.

**Arnaldo Niskier:** Cite um exemplo de entidade capacitadora, para que o público entenda bem o que é isso.

**Humberto Casagrande:** Não posso deixar de falar que o CIEE é uma das maiores entidades capacitadoras do mercado em termo de aprendizes. Não tem só o CIEE, temos vários outros capacitadores. O que fazemos? O aprendiz tem 20% do seu tempo na formação teórica e 80% na empresa. Considerando os cinco dias úteis da semana, um dia o aprendiz não vai à empresa, vai a uma das salas de aula onde fazemos a capacitação e, nos outros quatro dias, vai trabalhar normalmente na empresa como empregado CLT que é. Nesse dia que ele passa conosco, fazemos uma formação técnica básica para ele.

**Arnaldo Niskier:** Quais são os setores da economia em que há emprego maior de aprendizes? Você tem isso de cabeça?

**Humberto Casagrande:** Sim. Hoje a maior parte dos aprendizes estão no arco administrativo, vamos chamar assim, que é aquele que trabalha no escritório, trabalhando com RH, faturamento, contas a receber. Isso inclusive é objeto de crítica das empresas, porque gostariam que os aprendizes estivessem mais alocados na atividade principal da empresa. Então, está havendo um deslocamento. No CIEE, por exemplo, criamos o aprendiz do agronegócio, que está sendo uma maravilha. Criamos há pouco tempo e temos 5 mil aprendizes no agronegócio. O agronegócio está representando 26% do PIB, então temos que enxergar isso. A indústria de transformação no Brasil, em 1986, era 27% do PIB, hoje é 11%, caiu para menos da metade. O arco administrativo é o principal que temos, seguido pelo arco do agronegócio, o arco bancário e logística, comércio e varejo. Esses são os que mais empregam. Mencionei que, no Brasil, hoje 70% do PIB são serviços. Nosso PIB mudou muito, hoje a indústria representa só 11% por viés de baixa. O Brasil está passando por processo de desindustrialização já há alguns anos.

**Arnaldo Niskier:** Você foi muito claro e mostrou a importância da adesão de todo esse processo ao ensino técnico profissional. O Brasil fez uma reforma na Lei, a Lei nº 5692, parecia que ia emplacar o ensino técnico profissional e depois se viu que as coisas não funcionaram bem. Agora, podem funcionar bem. Qual sua opinião?

**Humberto Casagrande:** Menos dos 10% dos estudantes do segundo grau, do ensino médio, estão no ensino técnico. É um número muito pequeno, precisamos prestigiar mais o ensino técnico, fazer crescer o número de escolas, preparar melhor esses jovens...

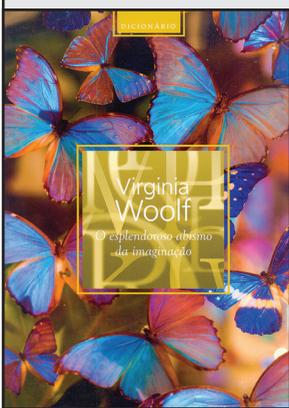
**Arnaldo Niskier:** Aqui, no Rio, tem a antiga Escola Técnica Federal, famosa, que depois se transformou no CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica, mas tem uma tradição muito grande de bons serviços prestados à educação.

**Humberto Casagrande:** Tenho certeza que temos aí no Rio escolas ótimas e no Brasil, mas elas são insuficientes. Então, a primeira porta de entrada é o aprendiz, a segunda porta de entrada é a escola técnica e a terceira porta, um estagiário. O estagiário que adentra uma empresa passa a ser conhecido, tanto estagiário do ensino médio quanto estagiário de ensino superior. O primeiro emprego está muito ligado a essas três coisas. Tem que estar sempre.

# J Livros e Autores

por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



## O ESPLENDOROSO ABISMO DA IMAGINAÇÃO

Na 14ª edição da Coleção Dicionários, concepção e projeto de Luiz Coronel (Grupo Zaffari, 2019), os escritos voltam-se para a obra influente de Virginia Woolf, autora britânica nascida em 1882, desde a infância voltada para o mundo da cultura e literatura, uma das mulheres escritoras mais importantes do século XX.

A caprichada publicação, de capa dura, com 296 páginas, conta com imagens e fotografias ilustrando os verbetes, com textos de acadêmicos, mestres, doutores e ensaístas convidados, acrescida de um CD com os intérpretes Deborah Finocchiaro, Fernanda Carvalho Leite e Luiz Coronel.

Virgínia Woolf é a segunda mulher cuja obra literária passa a ser dicionarizada pela equipe editorial coordenada por Luiz

Coronel, que reúne em torno de 60 colaboradores a cada edição. A primeira foi Clarice Lispector, com *A Transcendental Visão do Quotidiano*. Os dicionários *João Guimarães Rosa – Uma odisseia brasileira* (2006), *Machado de Assis – Ontem, hoje e sempre* (2007) e *Carlos Nejar – Um homem do Pampa* (2018) foram lançados na Academia Brasileira de Letras.

Escritor, compositor e publicitário, nascido em Bagé, em 1938, cidadão emérito das cidades de Porto Alegre e de Piratini, Luiz Coronel começou sua carreira literária na década de 1970, com o livro de poemas *Mundaréu* – Prêmio MINC ano 1970. De lá para cá, tem dezenas de obras literárias, premiadas no Brasil e no exterior.

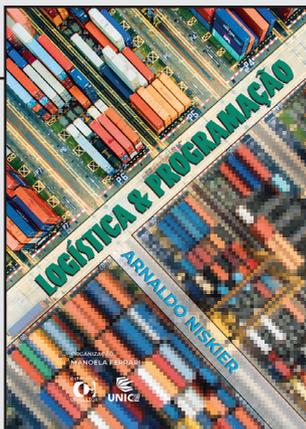
## LOGÍSTICA E PROGRAMAÇÃO

O livro *Logística e Programação* (2022) se soma à série de publicações da UniCiee, feitas em parceria com a Edições Consultor, resultado de estudos dos professores Arnaldo Niskier e Manoela Ferrari.

A Universidade Corporativa do CIEE sinaliza um investimento estratégico no desenvolvimento das competências essenciais às organizações, ao incentivar e estimular a educação e o protagonismo do autodesenvolvimento. Faz parte dessa missão a “Coleção UniCiee”, reunindo um conjunto de obras sobre temas diversificados de extrema relevância.

Com o avanço das tecnologias digitais, termos como logística e programação chegam às rodas de conversa com um significado amplamente potencializado. O propósito desse livro é passear sobre a multiplicidade desses conceitos, ampliando o entendimento e a aprendizagem que gravitam no entorno deles.

No prefácio da obra, o chanceler da Universidade Corporativa CIEE, Humberto Casagrande Neto, realça a relevância da leitura e a abrangência do tema: “A Logística possibilita, entre outros itens abordados ao longo dos capítulos, que um país aumente sua capacidade de produção e sua produtividade; realize, de forma eficiente e eficaz, as atividades de comércio exterior; e contribua de forma efetiva para a melhoria dos processos de distribuição de renda e de diminuição da desigualdade. Praticada de forma eficiente, é um dos caminhos para se combater custos desnecessários.”

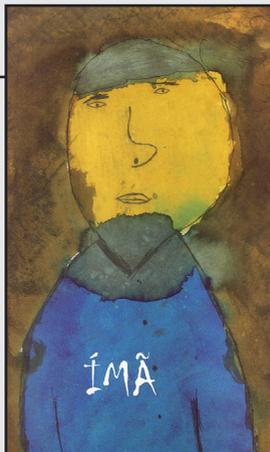


## ÍMÃ

Nesse número 7 da revista *Ímã* (2021), organizada pela jornalista capixaba Sandra Medeiros, a cor do Sol está presente desde a capa, no rosto de grande impacto da pintura em aquarela de Mr. Teal (BR-UK), seguindo em cada uma das páginas, todas amarelas, e no brilho próprio de cada autor e artista publicado: dos poemas e conto do miolo aos desenhos e pinturas do encarte.

A publicação reúne autores do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, São Paulo, Minas Gerais, Portugal e também de dupla nacionalidade, como Mr. Teal, Elizabeth Coyle e Íris Lykaios. Todos com trabalhos admiráveis e produção singular, como os dos acadêmicos Carlos Nejar (*A Civilidade*, Antielegia diante do fim do mundo e Antielegia atrás da caça) e Antônio Carlos Secchin (Dois desprefácios).

A jornalista capixaba Sandra Medeiros aponta para o desejo de produzir “impacto” nos leitores: “O impacto que senti quando vi o ‘Sol escrito-desenhado por J. Carlos é o que gostaria que sentisse cada leitor ao vê-lo aqui. A edição de número 7 foi feita enquanto pensava em duas pessoas especiais para a revista e para mim: Waly Salomão e Bruno Liberati. Esta, acredito, será lida e guardada com afeto pelos autores e leitores, o mesmo afeto dos gráficos que se esmeraram na impressão.”



## OLHOS BRUXOS

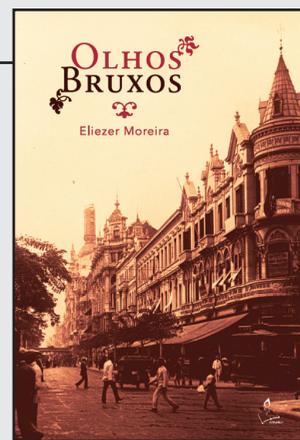
Em *Olhos Bruxos* (Editora Penalux, 2019), Eliezer Moreira faz uma homenagem a Machado de Assis. A

história tem como fio condutor o fascínio do protagonista pela obra do grande mestre.

Emiliano Moreira, personagem central, é um livreiro, bibliófilo e escritor obscuro que, um dia, furta o pincenê de Machado, em exposição permanente numa urna na Academia Brasileira de Letras.

Desenvolvido em dois planos narrativos, cada um com linguagem própria, o livro tem dois supostos narradores. Um deles, de escrita mais simples, e o outro, mais sofisticado. Num dos planos, o narrador é um jornalista que se interessa pelo caso e passa a investigar o roubo. No outro plano, um pastiche da prosa de Machado de Assis, o protagonista, em cartas à ABL, procura apresentar as razões pelas quais furtou a relíquia.

Eliezer Moreira nasceu em Cocos, na Bahia, em 1956, mas vive no Rio de Janeiro, desde 1979. Trabalhou como roteirista na TV Educativa e na TV Brasil do Rio, e também como repórter. Estudou Literatura Brasileira (Mestrado) e Literatura Comparada (Doutorado) na UERJ. Entre os livros publicados, *A Pasmaceira* (Editora Record – 1990), conquistou o Prêmio Graciliano Ramos da União Brasileira de Escritores.



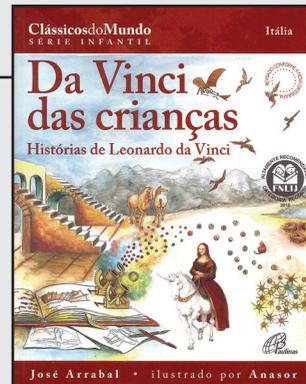
## DA VINCI DAS CRIANÇAS

Em *Da Vinci das Crianças* (Ed. Paulinas, 2009), José Arrabal, com a liberdade de invenção que a literatura permite, apresenta aventuras inspiradas nas fábulas e na biografia do gênio do Renascimento.

Dividido em 20 capítulos, com 295 páginas, a obra traz belas ilustrações da artista plástica paulistana Anasor (pseudônimo de Rosana de Moraes).

O livro integra a coleção “Clássicos do Mundo – Série Infantil”, que oferece um encontro com algumas das mais importantes obras literárias de diversos países, expressando múltiplos pontos de vista da construção da humanidade.

Em prosa atual, apesar de dirigido às crianças, a leitura dos contos tradicionais e mitológicos consagrados alcança todas as idades, comunicando as tramas presentes em suas matrizes literárias com expressiva originalidade. Leonardo da Vinci, nascido em Anchiano, na Itália, em 1452, é um exemplo de leitor pleno. Através de sua vida, soube “ler a natureza”, sempre a favor do engrandecimento das artes e das ciências. José Arrabal é professor universitário, jornalista e escritor, autor de livros de ficção, ensaios, biografias, peças de teatro, poemas e roteiros, com mais de quarenta títulos publicados em editoras nacionais e estrangeiras. Natural de Mimoso do Sul, no Espírito Santo, é radicado há mais de 30 anos em São Paulo.



## A OSTRAS E O TEATRO

*A Ostra e o Teatro* (Ed. Perse, 2021) reúne contos autobiográficos que envolvem três décadas da vida da autora Marília Manguiera.

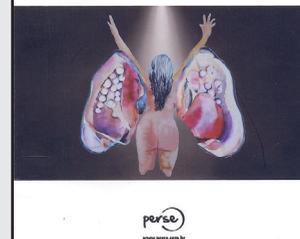
Escritos em tom de desabafo, os textos refletem sobre a própria condição humana. A narrativa delicada expõe sentimentos universais, resultando numa obra firme, onde as palavras surgem como potência.

Dividido em 74 capítulos, o livro surpreende pela prosa ao mesmo tempo humana e lírica, que nos toca com a intimidade própria dos poetas. A voz que nos fala vem desnuda, sem máscaras, sincera e ousada, dando ao leitor a compreensão do que há de evocativo nas lembranças de quem escreve. Na orelha, Marcelo Luchesi sublinha o efeito reflexivo do texto, apontando para o seu significado a partir do título: “apenas a ostra produz pérolas e sempre a partir de sua dor.” No prefácio, Sílvia Paes, mestra em Artes pela UnB, aponta para o “convite feito para que entremos dentro de nós”: “Este livro nos insere num contexto de busca, cujas pérolas estão no caminho da trajetória de cada um de nós.”

Marília Manguiera nasceu e vive em Brasília, Distrito Federal. Formada em Artes Cênicas pela Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, desde 2018 dedica-se à criação literária.

Marília Manguiera

## A Ostra e o Teatro



# Aracy Balabanian e a Armênia

Por Raquel Naveira\*

Perplexos, estamos assistindo a um genocídio, ao extermínio deliberado dos ucranianos pelo russos. Milhares de pessoas em movimento, tentando fugir da zona de combate, cruzando fronteiras, espalhando-se pelo mundo. Algo semelhante aconteceu com a Armênia que, durante a Primeira Guerra, foi tomada pelos turcos otomanos, que acusaram os armênios de serem aliados dos russos. Vieram os massacres, as deportações, a faxina étnica, num processo implacável e sangrento que levou à morte muitos armênios. As autoridades turcas, no entanto, sustentam que tudo foi resultado de uma guerra civil acompanhada de doenças e fome. A República Soviética transcaucasiana foi dividida entre Armênia, Azerbaijão e Geórgia, gerando tensão, medo, terror. A independência veio apenas no dia 21 de setembro de 1991, tornando a Armênia uma nação vocacionada para o desenvolvimento e a liberdade.

Foi nessa onda de êxodo e valentia dos armênios que o pai de Aracy Balabanian veio para o Brasil, fixando-se em terras de cerrado do sul de Mato Grosso, na cidade de Campo Grande, numa rua central, a Dom Aquino. Os armênios logo perceberam que era uma boa praça para o comércio e dedicaram-se principalmente ao ramo de calçados. Nessa mesma rua, onde moramos até hoje, meu avô português, o Carvalhinho, fabricava e vendia móveis. Nossas famílias eram, portanto, vizinhas e amigas, sendo Aracy da mesma idade que minha mãe. A família Balabanian era singular. O pai de Aracy casou-se pela segunda vez com uma senhora armênia, também viúva. Ele com cinco filhos e ela com um. Aracy foi o fruto dessa união e conviveu cercada de irmãos, num total de sete. Foram educados para a vida, orientados para serem independentes, neste novo país em que foram acolhidos. E Aracy, nascida em 1940, em Campo Grande, trilhou esse caminho.

Aos quinze anos, Aracy mudou-se para São Paulo. Estudou Sociologia e Arte Dramática, pois o teatro sempre foi sua paixão e o palco, o seu lugar. Desde criança, queria ser anjinho no auto de Natal. Um dia, ouviu a reprimenda: “Com esse nariz adunco e os olhos saltados, você não pode ser anjinho. Anjinho é só loirinha, que tal pastorinha?” A menina armênia cresceu, virou atriz e, mais tarde, para sua surpresa, um diretor lhe disse: “Você veio da terra sagrada, oriental, exótica. O papel que lhe cabe é o de Maria.” Foi um grande triunfo. Décio Almeida Prado, depois de vê-la atuar, declarou: “Ontem nasceu uma estrela.”

Aperfeiçoou-se com professores da categoria de Cacilda Becker e Sábato Magaldi. Seu sonho foi crescendo. Fez carreira no teatro, no cinema e na televisão. Foi a Antígona, da tragédia de Sófocles; par romântico de Sérgio Cardoso na novela Antônio Maria. Tornou-se uma das maiores intérpretes do meio artístico com personagens inesquecíveis, até chegar à excêntrica Dona Armênia, nas novelas Rainha da Sucata e Deus nos Acuda, de Sílvio de Abreu. Com Dona Armênia, Aracy pode fazer uma homenagem à sua descendência, lembrar da sua infância, treinar o sotaque, passar toda a sua emoção. A expressão “na chon”, bordão de Dona Armênia, virou sucesso nacional.

No livro *Nunca Fui Anjo*, Aracy desvenda fatos dramáticos, trágicos, cômicos e surpreendentes de sua vida, registrados por Tânia Carvalho. Conta que optou por não se casar e não ter filhos para abraçar unicamente a carreira. Que renasceu das cinzas, depois de um incêndio que destruiu seu apartamento na Gávea. Revela-se uma pessoa íntegra, autêntica. Uma cidadã do Brasil que tem a Armênia no coração. A Armênia que supostamente outrora foi o Jardim do Éden bíblico. Que, segundo a tradição judaica, foi onde a arca de Noé encalhou após o dilúvio, próxima ao monte Ararate. A Armênia dos impérios, do cristianismo, das dinastias, das ocupações árabes e persas. Assim Aracy se pronunciou no livro *Armênios e Brasileiros: marcas de uma convivência*, de Sossi Amiralian: “Meus pais me encantavam; a ternura que nos deram, mesmo depois de tudo o que passaram e viram durante a guerra. Jamais guardaram rancor.”

Você continua nos encantando, Aracy, com o testemunho de uma esperança que vem do perdão e da coragem de lutar, de recomeçar.

\*Raquel Naveira é membro da Academia Sul-Matogrossense de Letras.

## Obelisco

Por José Eduardo Coelho\*

Sob a coluna em mármore alongada, no ápice a cúpula meia-lua, o ex-presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, estátua de bronze e em pé, simboliza um abraço à nossa amada Pátria fértil. A bravura, visual expansivo pela construção de Brasília. Fundador – “Tudo se Transforma em Alvorada nesta Cidade. Que se Abre para o Amanhã”. O Memorial, externamente, simboliza o caixão fúnebre, em mármore branco, com a entrada declinada que dá acesso às lembranças originais do Estadista. Boa oratória, desenvolvimento em qualquer camada social, discursava com facilidade. Mineiro da gema. Excelente na grafia, conhecia bem o nosso idioma. Uma vez, durante o almoço, acompanhado do arquiteto Oscar Niemeyer e do paisagista Roberto Burle Marx, J. k., esqueceu, sobre a mesa, o discurso com quatro laudas. Um jornalista dos *Diários Associados* apanhou-o e, durante a leitura, percebeu a ausência de acento em uma determinada palavra, assunto publicado em manchete. Os pertences dos Gabinetes: JK e Dona Sarah Kubitschek, os traslados da Residência Oficial da Presidência até o local dos seus restos mortais são visitados por pessoas de várias localidades do globo, constando no livro ata, as expressivas mensagens carinhosas.

A excelente montagem do Museu e o cerimonial da Presidência demonstraram conhecer detalhes sobre a biografia do Estadista. Relíquias em todas as comandas de pedras preciosas, benefício, outra, concedido a cavaleiro de ordem; honoríficos e insígnias ou divisas de comendadores, nos módulos envidraçados transparentes, conservadís-

simos; pisos revestidos com carpete azul, cor do arco íris-mar. No andar térreo: Biblioteca de JK, raridade em gêneros literários, ambiente climatizado, ao lado do jardim florido, suspenso, cujo piso externo é de fibra para conservar a temperatura, proteção quanto ao sereno da madrugada, o raio solar, a chuva e o inverno. Gabinete: Sarah (esposa), Galerias com imensas variedades de objetos valiosos de uso pessoal. Na Sala Oficial (Presidencial), há canetas que assinavam os expedientes e as Leis. Sala de metas, Sala de pesquisas, Sala de café JK e souvenirs, presentinhos úteis para os visitantes levá-los como lembranças do memorial. No andar superior, há Câmara Mortuária escura, circunferência, piso de carpete azul; no centro, outro círculo menor que se encontra depositado o caixão, com carpete vermelho, os pisos em formato elíptico, encontra-se o caixão revestido em mármore na cor preto, entre duas cruzetas em forma de “t” cada lado, também com o mesmo revestimento, e, ao lado dos pés, a epígrafe escrita “Fundador”. Único bico de luminária acesa permanente, “Aqui Habita para sempre a Memória viva do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira”.

Auditório, com camarins, para conferências e projetor para documentários, tais como: construção da Capital estratégica, reuniões com os engenheiros, solenidades e trabalhos maciços dos candangos nordestinos, pioneiros que foram na movimentação da vultosa Capital Federal.

As bandeiras hasteadas: Nacional, da Capital Federal e do Memorial JK são símbolos expressivos quanto ao seu significado. Em primeiro lugar, a nossa Pátria; segundo lugar, a Capital Federal, em seguida do Memorial JK.

\*José Eduardo Coelho é membro do Espaço Literário “Nelly Rocha Galassi”.

# Milton Campos

Por José Sarney

O doutor Milton Campos, um dos grandes nomes da UDN, intelectual brilhante, advogado, jornalista, foi deputado constituinte, governador de Minas, senador, candidato a vice-presidente da República, ministro da Justiça. Estava, certa vez, no aeroporto do Rio, quando se aproximou dele uma sessentona, daquelas mulheres engajadas na política:

– Doutor Milton, eu sou da UDN, mas da UDN verdadeira: fui uma das viúvas da rotativa e sou da UDN da calúnia! Da calúnia, doutor Milton, como o senhor!

O fato é que Carlos Lacerda promovera uma campanha para comprar uma rotativa nova para o jornal *Tribuna da Imprensa*: algumas senhoras saíram pela Avenida Rio Branco com a bandeira da UDN esticada, e as pessoas jogavam, no meio da bandeira, suas contribuições. O *Diário Carioca*, que era do PSD e contra a UDN, cognominou as senhoras quarentonas de “viúvas da rotativa”.

Milton Campos, um padrão de correção ética, sorriu e disse:

– Persevere!

Ele tinha um espírito de ironia fina. Quando era governador de Minas Gerais, houve uma greve de professores. O secretário da Educação fez um relatório sobre a greve, informando que era grave no Município de Divinópolis, e disse ao governador que era necessário determinar ao secretário de Segurança que mandasse um destacamento da Polícia para acabar com ela.

Milton Campos respondeu ao secretário:

– Não, eu tenho outra solução: vou mandar o secretário da Fazenda pagar o salário dos professores, que estão em greve pelo atraso de seus vencimentos!

Seu chefe do gabinete civil era o Pedro Aleixo, muito seu amigo e figura das mais expressivas da política mineira.

Como era ele que executava as ordens do governador, contava-se, em

Minas Gerais, a seguinte história: quando alguém queria falar com o governador Milton Campos, ele dizia:

– Fale com Pedro, primeiro.

Naquela época, Pedro Aleixo ficou conhecido como um dos Braganças: Pedro I.

Quando Milton Campos foi candidato a vice-presidente na chapa de Jânio Quadros, a votação para presidente e vice era independente. Isso fez que Jango – João Goulart – promovesse o voto Jan-Jan, infelizmente vitorioso: podemos imaginar que, se Milton fosse o vice-presidente, não haveria a crise de 1964 e o regime militar. O Jânio não contribuiu, durante a campanha, para desestimular o Jan-Jan. Apesar disso, ele e Milton muitas vezes fizeram campanha juntos.

Jânio Quadros, em todos os lugares aonde chegava, fazia o mesmo discurso, sempre com uma fórmula mágica para levantar as massas e levá-las ao delírio.

Certa vez, em Salvador, fomos a um comício, e o Jânio provocou o Milton Campos:

– Doutor Milton, o senhor, em cada lugar, faz um discurso diferente.

O Milton Campos respondeu:

– É porque não tenho boa memória, governador.

Em Brasília, logo após a mudança da capital, as casas dos deputados eram como repúblicas de estudante: nós nos reuníamos para bater papo e, ao mesmo tempo, tomar alguns drinques. Uma dessas casas, que tinha fregueses fixos, era a do Padre Godinho, brilhante orador e deputado por São Paulo.

Um dia, na mesa de drinques, o Padre Godinho perguntou a todos:

– Está faltando gelo?

Milton Campos lhe respondeu:

– Não, Godinho, está faltando uísque!

Outra tirada do Milton Campos, como sempre cheia de ironia e sabedoria, ocorreu durante um voo entre Rio de Janeiro e Vitória. O avião enfrentou muita turbulência e jogou muito. A aeromoça chegou junto ao Milton, que estava pálido e suava muito, e perguntou:

– Falta de ar, Doutor Milton?

– Não, falta de terra.

\*O ex-presidente José Sarney é membro da Academia Brasileira de Letras.

# Escudos da alma

Por Gabriel Chalita\*

Decidi, depois de alguma idade, voltar aos bancos escolares. Não que esteja velho. É que os outros, que ocupam comigo os espaços da aprendizagem, ainda engatinham na fascinante aventura da vida. Aventura onde também vivo eu. Eu que, a duras penas, compreendi o significado das cicatrizes. Eu, tantas vezes, feito sem importância na vida dos outros.

Amei desesperadamente, o que já demonstra um certo desconhecimento do amar. Gastei partes de mim em súplicas de alguma reciprocidade. Cheguei a dizer: “Sei que você não me ama, não faz mal, eu amo por nós dois.”

Vi Tereza, a primeira mulher que ofereceu a mim um beijo, beijar um outro. Era cedo demais para desconfiar dos sentimentos.

Vi seu texto de incompreensão comigo. Éramos jovens. Que bobagem decidirmos ter um ao outro. Em mim, já naqueles dias, morava a utopia da eternidade do amor. Envelheceríamos juntos, rindo da vida linda que vivemos. Tereza e eu.

Depois veio Cristina. Era como uma ocupação em terreno não preparado. O luto, aprendi depois, consome algum tempo. Fiz Cristina sofrer o que eu sofri, sem intenção. Como ela me quis! Como ela se modificou para modificar o que eu não sentia por ela! Então, entendi melhor Tereza. O outro não é uma parte que nos falta. O outro é o outro. O outro não é o responsável pelo amor que não brotou. O amor é meu. E o tempo da compreensão, também.

Foi com Helena que me casei. E, se com ela não houve os solavancos das paixões juvenis, houve paz. Há paz! Estamos juntos há 33 anos. Nossa

filha já tem a sua filha. Nossos sentimentos sobreviveram às janelas abertas que são capazes de deixar entrar todo o tipo de tentação. Formamos um escudo, um escudo em nossa alma.

Há promessas de novidades que podem nos desassossegar. Tive eu e, certamente, teve ela. Os sentimentos, quem os decide? O único poder que temos é o que fazemos com os sentimentos que nos vêm. Decidimos permanecer e isso foi bom.

Rosa é professora do curso de psicologia que me trouxe novamente à faculdade. Como gosta essa mulher do que faz. Abre as aulas oferecendo sorriso. Inicia o assunto como se iniciasse um ritual sagrado em que o saber será compartilhado, em que o saber poderá ser entranhado e transformar vidas.

Anoto as lições para viver. Vejo meus jovens colegas absortos na voz de Rosa. O tema de hoje é o amor Eros. O amor das flechadas. O amor dos prazeres e das mendicâncias. Nas concordâncias corporais, eu visito as mentes daqueles alunos. Quantos ali já se identificavam com as incongruências da paixão, com as dores da rejeição. Comparo, não por mal, Rosa a alguns outros professores. A lamentável ausência da paixão na arte de acender novidades nos alunos. O necessário despertar das curiosidades.

Minha mulher brincou ciúmes de Rosa comigo. Eu sorri explicando que ela ainda ensina aos 89 anos e que, talvez, não tenha eu os atributos necessários para despertar nela alguma outra paixão que não a de ensinar.

Os escudos da alma que esculpimos juntos, Helena e eu, nos desautorizam as mentiras. O amor faz com que nos preocupemos um com a segurança do outro, com a serena vida de quem confia. E, assim, a felicidade permanece sem muita cerimônia.

Não me imaginem perfeito. Histórias perfeitas não vivem nem no Olimpo, a tal da morada dos deuses, de Eros e de tantos outros explicadores dos inexplicáveis sentimentos humanos. Na nossa casa, moram Helena, eu e os nossos aconchegos, que enfrentam, com escudos de respeito, os frios das janelas abertas ou suas mentirosas promessas de calor.

\*Gabriel Chalita é membro da Academia Paulista de Letras.

# A cultura colossal de Fernanda Montenegro na ABL

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

O papel de acadêmica que Fernanda Montenegro protagonizou na noite de sua posse, na Academia Brasileira de Letras, preconiza a intensidade do sucesso dessa nova trajetória na vida da grande dama do teatro brasileiro.

No Petit Trianon lotado como jamais visto na Casa de Machado, com a presença de personalidades ilustres, como secretários municipais e estaduais, deputados, senadores e o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes. Com direito a telão e cadeiras na área externa, para acomodar todos os convidados, a plateia assistiu emocionada à cerimônia, na noite de 25 de março, interrompida com aplausos entusiasmados, em vários momentos. Fernanda foi conduzida à sua cadeira pelos acadêmicos Rosiska Darci de Oliveira, Cacá Diegues e o ex-presidente da República José Sarney. A atriz recebeu o colar de imortal das mãos do acadêmico Zuenir Ventura.

Nona mulher a ocupar uma cadeira na ABL (e a primeira atriz), num texto que misturou sua própria trajetória no teatro com a das artes cênicas no Brasil, a nova acadêmica, impecável em seu fardão, discursou para um público atento, do início ao fim. A atriz iniciou a fala citando Shakespeare, para definir sua relação com o mundo: “William Shakespeare deixou eternizado esse conceito estrutural da afirmação de uma arte. A vida é um palco. Todos nós, seres humanos, somos atores neste palco. Agradeço com meu coração e minha razão estar sendo aceita nesta casa com este elenco protagonista. (...) Para chegar aqui, são quase 80 anos de vida pública. É um reconhecimento.”

Fernanda reverenciou o marido Fernando Torres, além de atrizes e atores que fizeram história na arte de atuar e que deixaram saudades: “Memoráveis companheiros sem os quais nem eles, nem eu teríamos dado conta através dos nossos pulmões, dos nossos corações, da nossa criatividade, de todo um conjunto inimaginável de encenações de obras referenciais da grande dramaturgia.” A voz firme destacou a coragem necessária para abraçar a profissão artística: “Emocionada, tomo posse da cadeira número 17. Sou atriz, venho desta mística arte arcaica que é o teatro. Sou a primeira representante da cena brasileira a ser recebida nesta casa. Esse meu ofício expressa uma estranheza compreensível. A raiz desta arte está na complexidade de só existir através do corpo e da alma de um ator ou de uma atriz ao trazer a literatura dramática para a verticalidade cênica. Não se cumpre essa profissão sem devoção, sem obstinação, sem coragem.”

Forte e coerente ao longo de toda a sua trajetória, não faltou o registro do seu posicionamento em prol da arte e da cultura, diante do difícil momento político em que vivemos: “Resistimos. Somos eternos.” Foi ovacionada.

Nas cerimônias de posse, todo novo acadêmico é recebido por um veterano. O discurso de posse coube à acadêmica Nélida Piñon, que definiu a entrada da amiga na ABL como um grande dia para a pátria: “Epidauro, Delfos, todos os teatros gregos, e os anfiteatros romanos, regozijam-se com Fernanda Montenegro, que ingressa nessa noite na Academia Brasileira de Letras. Sob a guarda dos deuses do teatro, dos mistérios de Elêusis, dos que regeram as chaves da dramaturgia, entra nesta Casa pela porta grande da arte cênica. Como intérprete maior do pátio dos milagres que é a vida, ressalta Dionísio, cuja ferocidade mítica cedeu à humanidade o vinho da palavra que inebria e salva-nos. Aquele verbo fecundado pelo Ágora grego, pelos miseráveis que resguardam no casulo as résteas do mistério da criação.”

Por problemas na visão, fez-se uma exceção na leitura do texto, e Nélida convidou a atriz e escritora Fernanda Torres, filha da nova acadêmica, para representá-la. A surpresa – e a emoção – tomaram conta, mais uma vez, do ambiente.

O texto belíssimo e irretocável de Nélida Piñon foi potencializado em força e beleza pela voz e talento de Fernanda Torres: “Ancorada na cultura cênica e endereçado na cultura pátria, pisar as tábuas do tablado era render-se a uma cultura colossal (...) Não houve falha em Fernanda Montenegro no amor à arte de interpretar, nem na veemente defesa da condição humana. Para tanto, não alijou a memória que enaltecia ancestrais e expoentes pregressos que deram às novas gerações razão de seguir suas pegadas heroicas. (...) Mas cá estou eu diante do xadrez da realidade, a enfrentar o enredo da nova acadêmica com resumos certamente equivocados e imprecisos, a submeter-me ao juízo implacável da História. Contudo, afirmo que Fernanda foi tecida pela urdidura familiar, pelo mistério de uma vocação jamais oscilante, e pela fervorosa adesão ao Brasil. Pilares estes que, conjugados, propiciaram a uma artista atingir o ápice da grandeza”, escreveu Nélida, no texto lido por Fernanda Torres.

Aos 92 anos, Fernanda é a primeira mulher a ocupar a Cadeira 17 da Academia, sucedendo o acadêmico e diplomata Affonso Arinos de Mello Franco, falecido no dia 15 de março de 2020. O posto teve, como ocupantes, Sílvio Romero (fundador) – que escolheu como patrono Hipólito da Costa.

Eleita com 32 votos (2 em branco) para integrar o grupo de imortais, no dia 4 de novembro de 2021, a nova acadêmica estreita os laços da instituição com as artes cênicas.



De cima para baixo:

Os imortais Fernanda Montenegro e Zuenir Ventura.

A imortal Fernanda Montenegro com o imortal Arnaldo Niskier e sua esposa Ruth Niskier. O acadêmico Merval Pereira ensua esposa com a recém-empossada, Fernanda Montenegro.

Os ocupantes anteriores da cadeira 17 foram: Sílvio Romero (fundador) – que escolheu como patrono Hipólito da Costa –, Osório Duque-Estrada, Roquette-Pinto, Álvaro Lins e Antonio Houaiss.

A presença da atriz ultrapassa o mundo da Literatura e a Academia Brasileira de Letras se esforçou para torná-la imortal. O estatuto da Casa de Machado deixa claro a reserva de vagas para personalidades de prestígio em suas áreas.

Premiada nacional e internacionalmente por sua carreira, Fernanda é a única brasileira já indicada ao Oscar de Melhor Atriz pela atuação em “Central do Brasil” (1998), de Walter Salles. Ela já venceu, também, o Emmy Internacional, o Festival de Berlim e o Grande Prêmio do Cinema Brasileiro.

Em 2018, organizado cuidadosamente pela própria atriz, seu itinerário fotobiográfico resultou numa caprichada publicação de capa dura, com 500 páginas, da “Edições SESC-São Paulo” (2018). O livro demandou cerca de seis anos de trabalho editorial. Cada página foi pensada e posicionada conforme o fluxo temporal dos fatos, respeitando a sequência cronológica sempre que possível. A obra inclui também depoimentos de escritores, diretores, críticos de arte, atores e amigos.

Em 2019, no marco de seus 90 anos, Fernanda Montenegro publicou um livro de memórias, *Prólogo, ato, epílogo* (Cia. das Letras). São 328 páginas de uma prosa afetiva, inteligente e de extrema sensibilidade. Através de uma narrativa fluida e interessante, é possível conhecer seus antepassados – lavradores portugueses, do lado paterno, e pastores sardos, do lado materno.

Em julho, a atriz reencontra o Teatro R. Magalhães Jr., no prédio da ABL, pela primeira vez como acadêmica, para uma leitura de Nelson Rodrigues. Fernanda conhece bem o local, onde se apresentou diversas vezes. Em uma delas, em 2013, interpretou uma adaptação do romance *Capitu, Memórias Póstumas*, de seu agora colega de fardão, Domício Proença Filho.

## MEMÓRIA

Nascida no dia 16 de outubro de 1929, no bairro do Campinho, Zona Norte do Rio de Janeiro, Arlette Pinheiro pisou em um palco, pela primeira vez, aos oito anos de idade para participar de uma peça na igreja. Mas sua estreia oficial, ocorreu em dezembro de 1950, ao lado do marido Fernando Torres, no espetáculo “3.200 Metros de Altitude”, de Julian Luchaire. Com o nome artístico adotado, Fernanda Montenegro se tornou sinônimo de excelência na Cultura do país.

Em 1999, Fernanda Montenegro foi condecorada com a maior comenda que um brasileiro pode receber da Presidência da República, a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito “pelo reconhecimento ao destacado trabalho nas artes cênicas brasileiras”. Na época, uma exposição realizada no Museu de Arte Moderna (MAM), no Rio de Janeiro,

# A luz de Gil floresce na ABL

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

Em noite descrita pelo acadêmico Antonio Carlos Secchin como “magia de versos e luzes”, o cantor, compositor e ex-ministro Gilberto Gil irradiou o brilho do seu talento pelos salões da Academia Brasileira de Letras, durante a solenidade de sua posse como novo ocupante da cadeira 20, sucedendo Murilo Melo Filho, um dos grandes jornalistas brasileiros da segunda metade do século XX. Aos 79 anos, Gil foi recebido na ABL pelo acadêmico Antonio Carlos Secchin, com um discurso cujo brilhantismo fez jus ao marco histórico do evento.

Em sua fala de posse, Gil disse que, entre as tantas honrarias que a vida lhe proporcionou, entrar na ABL tem uma dimensão especial. “Não só porque a ABL é a casa de Machado de Assis, escritor universal, afrodescendente como eu, mas também porque a ABL representa a instância maior, que legítima e consagra, de forma perene, a atividade de um escritor ou criador de cultura em nosso país.”

Com direito à canja poética, Gil não frustrou os que dele esperavam um canto: “Se a noite inventa a escuridão, a luz inventa o luar. O olho da vida inventa a visão, doce clarão sobre o mar.”

Em outro trecho, citou as alegrias e perdas ao longo da vida, destacando a importância de permanecer firme na resistência contra o obscurantismo: “Não desanimo. É preciso resistir sempre. Apesar dos tempos politicamente sombrios que vivemos, aposto na esperança contra a treva física e moral. Que haja ao menos a chama de uma vela até chegarmos a toda a luz do luar”, poetizou, acrescentando: “Poucas vezes na nossa história republicana o escritor, o artista, o produtor de cultura foram tão hostilizados e depreciados como agora. Há uma guerra em prol da desrazão e do conflito ideológico nas redes sociais da internet, e a questão merece a atenção dos nossos educadores e homens públicos. A ABL tem muito a contribuir nesse debate civilizatório. E eu gostaria, aqui, efetivamente, de colaborar para o debate, em prol da cultura e da justiça”, acrescentou ao som de muitos aplausos.

Gil saudou os acadêmicos, os amigos, a família (em especial a mulher, Flora) e os seus pais, a professora primária Claudina e o médico José Gil Moreira (“a eles devo o meu amor às letras e à música”). E fez as menções de praxe aos ocupantes anteriores da cadeira 20: o patrono Joaquim Manuel de Macedo (“um nome a merecer resgate, para além de sua eterna Moreninha”), o fundador Salvador de Mendonça, o “poeta, satirista e boêmio” Emílio de Menezes, Humberto de Campos, Múcio Leão, Murilo de Melo Filho (seu antecessor imediato) e o general Aurélio de Lyra Tavares – “um dos três integrantes da Junta Governativa Provisória que comandou o Brasil de 31 de agosto a 30 de outubro de 1969” – a mesma que levou Gil e Caetano a serem presos e exilados. Mas o brilho, a elegância e a elevação moral de Gil, mais uma vez, se sobrepujaram ao desconforto de citar o general. O novo acadêmico relevou, iluminando-lhe o lado positivo: “Na constatação de como gira, às vezes com ironia, a roda da História, do ponto de vista acadêmico, os que conheceram e conviveram com o general Lyra Tavares nesta Casa reiteram o seu comportamento sempre afável e solidário, sua cultura literária e histórica e sua dedicação aos valores que balizam a história da ABL”, amenizou Gil.

Seguindo os protocolos, Fernanda Montenegro entregou a Gil o colar de acadêmico; Arnaldo Niskier entregou a espada e Cacá Diegues, o diploma.

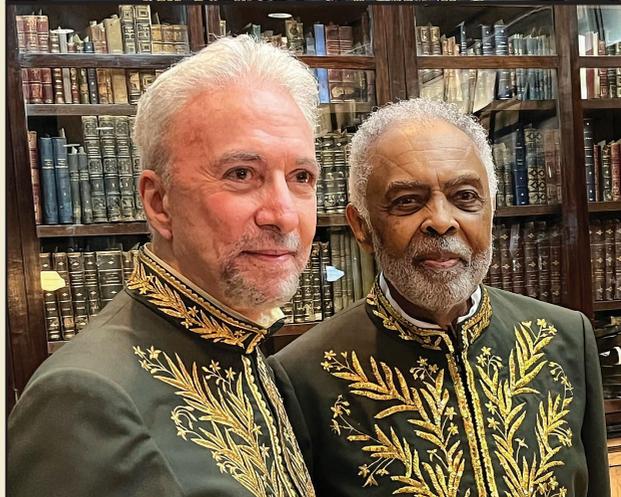
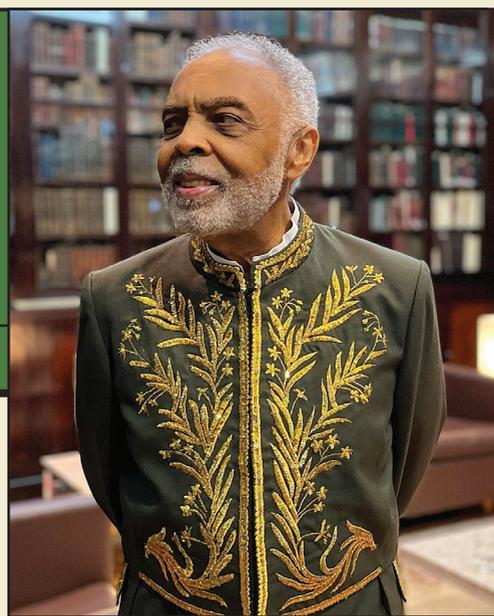
No discurso de recepção ao colega imortal, Secchin apontou o prenúncio de um destino brilhante para Gilberto Passos Gil Moreira no momento imediato do seu nascimento, ao ser nomeado: “Segundo o dicionarista Antenor Nascentes, uma das etimologias de ‘Gilberto’ é a de ‘companheiro ilustre’, explicou.

Num texto impecável, que somou erudição e excelência literária, Secchin deu uma verdadeira aula de lirismo, interpretação e abrangência do ofício poético, recorrendo às múltiplas explicações para o fenômeno criativo de Gilberto Gil: “A perspectiva de Gil, ampla, ecumênica, dissolve hierarquias e congrega alteridades. Experimentador

comemorou os 50 anos de carreira da atriz. Em 2004, aos 75 anos, recebeu o prêmio de Melhor Atriz no Festival de Tribeca, em Nova York, por sua atuação em O Outro Lado da Rua, de Marcos Bernstein.

Em seu celebrado livro de memórias, Fernanda registra páginas de grande emoção, onde nada lhe escapa: a lembrança dos desafios de criar os dois filhos sobrevivendo como artistas; a busca permanente pela qualidade; a persistência combativa durante os anos de chumbo; a capacidade constante de reinvenção; o padecimento de Fernando; o inesperado sucesso internacional, nos anos 1990; a crença na terra que acolheu seus antepassados imigrantes e a devoção por esse país.

Não há dúvidas de que a artista encarna o melhor do Brasil.



de formas, explorador de um largo espectro temático, o cancionista de Gilberto Gil assombra pela complexidade e pela amplitude, pautando-se, ao mesmo tempo, por um princípio de clareza e comunicabilidade. A cadeira 20 vai comportar muitos Gilbertos. Por isso, equivocadamente quem supõe que a ABL esteja simplesmente acolhendo Gilberto Gil; na verdade, ao acolhê-lo, ela se engrandece com a chegada do múltiplo Gilberto Mil.”

Apontando para os vínculos estreitos entre a música, a literatura e a vida, Secchin destacou o lirismo e a carpintaria poética do primeiro compositor eleito em 125 anos de ABL. Atento às combinações e sortilégios numéricos, Secchin salientou: “Não posso deixar de referir que, se Gil assumisse a cadeira não hoje, mas daqui a exatas duas semanas, no dia 22 do ano 22, ele chegaria, 200 anos antes do previsto, à meta de 2222, em seu expresso desejo de sair direto do bom sucesso de sua carreira para depois: o desembarque na ABL.” E continuou a análise de modo brilhante: “Portanto, em 2022 Gilberto Gil não comemora apenas 80 anos de idade, mas também 60 anos de carreira musical. Carreira que se traduz em números superlativos: cerca de 60 discos gravados, 600 composições, e a impressionante marca de 4.400.000 resultados nos mecanismos de busca por seu nome na Internet.”

Na esteira do caminho interpretativo aberto por Secchin, tomando como base a mesma lente da explicação numérica para as “coincidências” que cercam o autor do Expresso 2222, ousou afirmar que o dia 8 – o da posse – não foi obra do acaso. Os numerólogos afirmam que os números possuem um lado subjetivo e simbólico, carregando um significado interno, onde existe vibração e sintonia. Segundo a numerologia, “cada valor numérico é dotado de uma essência individual e indicaria tendências de acontecimentos ou de personalidade”.

Como numeral, o “8” é superabundante. De pé, é associado à “ligação com o divino”, à “ressurreição” (início de uma nova ordem, um novo começo). Deitado, representa o infinito, é o símbolo da “eternidade”. Como o próprio Gil. Difícil duvidar da predestinação do nosso Gilberto (nome composto por oito letras) à imortalidade.

De cima para baixo:  
Os imortais, Gilberto Gil e Nélida Piñón.  
Os imortais Antonio Carlos Secchin e Gilberto Gil.  
Gilberto Gil com a mulher, Flora Gil, a filha Preta Gil, o genro Rodrigo Godoy, e a bisneta Sol de Maria.

# Comissão de frente!

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: [amor.anna2014@gmail.com](mailto:amor.anna2014@gmail.com)

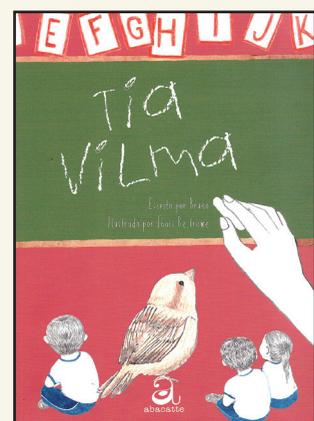
Ainda embalados com o batuque do Carnaval fora de hora, aprendemos com as Escolas de Samba importantes lições. Lembretes para avivar a memória e aguçar os sentimentos tão combalidos com meias-verdades, mentiras e falsa moral.

Dizem que “a voz do povo é a voz de Deus” e o povo gritou, em altos brados, as raízes africanas, a negritude, a diversidade religiosa e de gênero, a beleza da nossa cultura miscigenada. E o povo clamou por justiça, igualdade, respeito e felicidade. Que o canto do samba invada os corações.

No desfile, vimos histórias, livros, criatividade. Ressalto, sem desmerecer de nenhum participante, duas forças da nossa cultura: Rosa Magalhães, várias vezes campeã, filha do acadêmico Raimundo Magalhães Júnior (convivi com ele na Manchete) e Helena Theodoro, professora, autora, pessoa querida e que admiro, que escreveu, há muitos anos, *Benedito de Cachoeira* e me encantou. A elas minha homenagem pela esperança que invadiu a Avenida!

No ritmo de todos os assombros, selecionamos obras incríveis que, por sua importância, precisam ser trabalhadas nas escolas, debatidas, ampliadas, como um reforço a uma sociedade mais justa e menos preconceituosa. Deixamos as conclusões a cada um, para que ampliem o olhar e a mente para as diferenças e diversidades que devem nos unir. É no encontro das diferenças e dificuldades que cresce uma sociedade mais justa.

*A Melhor Mãe do Mundo* – Nina Rizzi, ilustrações de Veridiana Scarpelli (Companhia das Letrinhas) – Um tema que poderia ser árduo, transformado numa deliciosa história de amor. A metáfora de ilustrar os personagens como pássaros é de uma oportunidade incrível. Com certeza, alguma criança sofre com situação semelhante à apresentada e, com delicadeza, a autora nos comove com a preparação para o dia da visita.



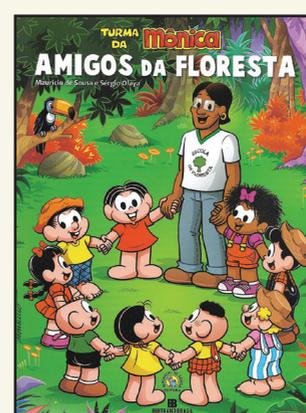
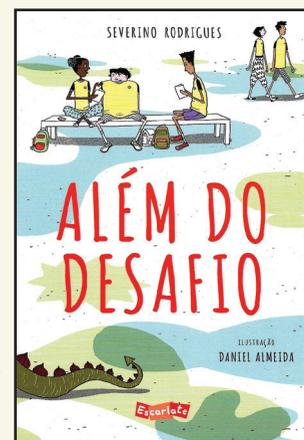
*Tia Vilma* – Escrito por Bruno (Warley Matias de Souza) e ilustrado por Thais Beltrame (Abacatte) – A história de um menino pequenino, para ser debatida com gente grande. Sutil, delicado, envolvente, Bruno nos cativa contando a sua primeira experiência na escola, o encontro com as letras e a primeira professora. Fragmentos das conversas dos adultos vão nos indicando as batalhas que ainda precisam ser travadas em busca do respeito e da aceitação dos diferentes. Até quando o preconceito será maior do que o valor de uma pessoa e seus sentimentos? Na carta à professora Vilma, que a mãe escreve enquanto ele dita, Bruno nos comove e demonstra que preconceito, racismo, rejeição não fazem parte dos sentimentos infantis, os adultos é que violentam os sentimentos das crianças. Emocionante!

*A Menina e o Camaleão* – Leo Cunha, ilustrações de Rubem Filho (Abacatte) – Qual é a sua cor? pergunta o Camaleão à menina. Na conversa dos dois, surge a importância que a cor da pele tem para conhecer

e valorizar a origem da nossa família. Não é preciso se camuflar, como o camaleão, mas expor, orgulhosamente, as nossas raízes. Leo Cunha é craque nas histórias e Rubem Filho nos impacta com a exuberância das ilustrações. “Um livro pra ler, reler, abraçar, tornar a ler e se encantar”, afirma Ieda de Oliveira.



*Além do Desafio* – Escrito por Severino Rodrigues e ilustrado por Daniel Almeida (Escarlate) – Atualmente somos surpreendidos com as notícias de acidentes com jovens e crianças expostos a desafios na internet. O autor escreve de forma que facilita a compreensão e aguça a curiosidade dos leitores para a descoberta de bandidos que usam a internet para cometer crimes. Mais atual, impossível! Você vai aceitar esse desafio?



*Amigos da Floresta* – Maurício de Sousa e Sérgio Olaya (Bertrand Brasil) levam a Turma da Mônica para o campo, na Vila Abobrinha, onde vive Chico Bento, para passar um dia divertido. O que elas não imaginavam é o quanto iam aprender nessa visita. O professor Tupã também foi convidado e conta para as crianças muitas novidades sobre o meio-ambiente e a Escola da Floresta. Ailton Krenak assina as orlas.

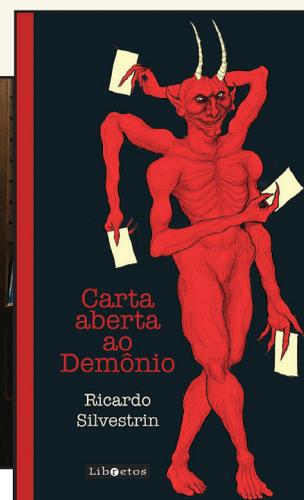
*Carta ao Demônio* – O poeta gaúcho Ricardo Silvestrin (Libretos) lançou, na Livraria Argumento, no Leblon, Rio de Janeiro, seu novo livro de poesia. A capa, impactante, bem ao gosto dos jovens leitores, nos atira à leitura de poemas atuais, críticos e contundentes. O lançamento contou com a participação dos poetas Antonio Cícero, Paulo Sabino e Luís Turiba.

## PARA-CHOQUE

Envelhecer para se renovar.  
Vai longe no tempo o último grito.  
Hoje tinha uma festa de bem-te-vis pelo céu.  
Imitei o canto com um assobio.  
Não sei se me ouviram,  
se responderam pra mim,  
ou me ignoraram.  
Eu dizia: envelhecer para se renovar.  
Grafar este verso num para-choque de caminhão.  
(p.82)



Lançamento de Ricardo Silvestrin no Rio de Janeiro. Paulo Sabino, Luís Turiba, o autor Ricardo Silvestrin e o acadêmico Antônio Cícero.



# JL BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL

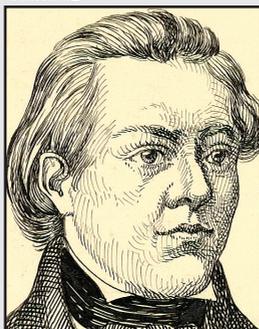


## GILBERTO GIL

Gilberto Passos Gil Moreira (Salvador, 26 de junho de 1942), é cantor, compositor, multi-instrumentista, produtor musical e político brasileiro, vencedor de prêmios Grammy Awards, Grammy Latino e galardoado pelo governo francês com a Ordem Nacional do

Mérito (1997). Em 1999, foi nomeado “Artista pela Paz”, pela UNESCO. Em 2021, foi eleito para a cadeira de número 20 da Academia Brasileira de Letras. Influenciado pelo som da caatinga, sabia tocar sanfona aos 9 anos e, mais velho, começou a compor bossa nova. Em 1963, cursando Administração na Universidade da Bahia conheceu Caetano Veloso e sua irmã, Maria Bethânia. Pela participação em Festivais da Canção com *Domingo no Parque*, a *Tropicália*, o movimento, composto por Gil, Caetano, Os Mutantes e Tom Zé, foi responsável por trazer novas sonoridades para a música brasileira. Em 1969, depois de serem brevemente presos, os dois amigos fugiram para a Inglaterra. Em 1972, o músico voltou para o Brasil com a sua família, que incluía sua esposa Sandra e seus filhos Pedro, Preta e Maria. Foi Sandra que inspirou a lindíssima *Drão*, escrita quando os dois se separavam. Gil voltou para o Brasil após a queda da ditadura e pôde lançar seus trabalhos sem o medo da censura. Participou do Festival Mundial de Arte Negra, em 1976. Hoje, com mais de 30 discos lançados, recebeu honras internacionais e até teve carreira política: foi pré-candidato à prefeitura de Salvador, vereador da cidade, embaixador da ONU e ministro da Cultura no Brasil.

acervo JL

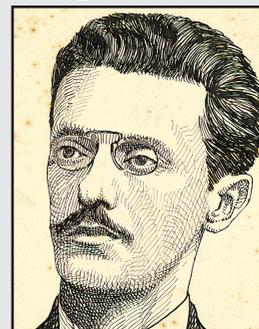


## BASÍLIO DA GAMA

José Basílio da Gama, poeta, nasceu em São José do Rio das Mortes, depois São José del Rei, hoje Tiradentes, MG, em 22 de julho de 1740, e faleceu em Lisboa, Portugal, em 31 de julho de 1795. É o patrono da cadeira número 4 da Academia Brasileira de Letras, por escolha

do fundador Aluísio Azevedo. A morte do pai, ocorrida na sua primeira infância, acarretou situação difícil. Teve um tutor, o brigadeiro Alpoim, que o encaminhou ao Rio de Janeiro, onde iniciou os estudos no Colégio dos Jesuítas. Lá faria o noviciado para professar na Companhia de Jesus. Viajou depois pela Itália e Portugal, de 1760 a 1767. Em 30 de junho de 1768, estava de viagem para Lisboa, a bordo da nau *Senhora da Penha de França*, com o objetivo de matricular-se na Universidade de Coimbra. Lá chegando, foi preso e condenado ao degredo para Angola, como suspeito de ser partidário dos jesuítas. Do desterro a que estava sentenciado, salvou-o o *Epitalâmio* que escreveu às núpcias de D. Maria Amália, filha de Pombal. Este simpatizou com o poeta, perdoou-o e, depois de lhe conceder carta de nobreza e fidalguia, deu-lhe o lugar de oficial da Secretaria do Reino. Basílio, no fim da vida, foi admitido na Academia das Ciências de Lisboa e publicou o poema *Quitúbia* (1791). O poema épico *O Uruguai* trata da expedição mista de portugueses e espanhóis contra as missões jesuíticas do Rio Grande, para executar as cláusulas do Tratado de Madri, em 1756.

acervo JL



## VALENTIM MAGALHÃES

Antônio Valentim da Costa Magalhães, jornalista, contista, romancista e poeta, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 16 de janeiro de 1859 e faleceu, na mesma cidade, em 17 de maio de 1903. Foi estudar Direito

em São Paulo, e aí teve início sua vida agitada de escritor, boêmio e jornalista. Colega de Silva Jardim, Raimundo Correia, Raul Pompeia, Luís Murat e Luís Gama, cedo começou a escrever poesia. Publicou seu primeiro livro, *Cantos e Lutas*, ainda em São Paulo. De volta ao Rio, já formado, ingressou no jornalismo. Dirigiu *A Semana*, que se tornou o baluarte literário dos jovens de então. Além de literatura, esse periódico fazia propaganda da Abolição e da República. Quase todos os que, mais tarde, teriam algum papel nas letras brasileiras – e que então começavam – colaboraram em *A Semana*. Dedicando-se à poesia, ao conto, à crônica, ao romance, ao teatro, o que fez, de fato, foi divulgar os novos pelo país. Muito atacado, e muito defendido também, participou de inúmeras polêmicas, o que, em geral, prejudicou sua própria produção literária. Instituiu, em *A Semana*, uma “Galeria de Elogio Mútuo”, em que amigos escreviam uns sobre os outros. A Biblioteca da Academia iniciou o seu acervo com a doação, em janeiro de 1897, por Valentim Magalhães, de um exemplar do seu romance *Flor de Sangue*, que José Veríssimo qualificou de literatura apressada. Cem anos depois, essa obra só é lembrada pela circunstância de ter sido o marco inicial da Biblioteca da Academia.

# A beleza do instante na poesia de Lourdes Sarmento

Por Diego Mendes Sousa\*

Lourdes Sarmento é uma poeta robusta, com preponderância sobre a linguagem. Sua poesia nivela-se pelo silêncio e, ao mesmo tempo, se engrandece pelo tumulto das imagens.

De repente, o seu leitor deleita-se com a riqueza dos presságios e com o murmúrio das águas. Subitamente, a poeta dispara os seus cavalos e o tropel é uma ciranda deslumbrante.

A poesia de Lourdes Sarmento se materializa através das mais delicadas palavras: pétalas, manhãs, girassóis, paixões, estrelas, pássaros, acácias, borboletas... A sensibilidade é a tônica em seu universo de símbolos.

Admiro, sobretudo, a extraordinária capacidade com que Lourdes Sarmento tece a arquitetura verbal do instante. São sentimentos represados que o seu ser de beleza transforma em acontecimento estético: “Ninguém pergunta / o nome da minha dor: / Quem sabe a diferença / do vento que me reinventa? // Quem sabe o rio / que entrou no meu corpo / e nunca mais me deixou?”.

Tamanha beleza somente se opera quando se é vidente. Lourdes Sarmento é profética, genuinamente lírica e telúrica. A poeta detém uma robustez de estranhamento com origem íntima, que se revela ao chamado que vem do próprio existir, decerto, lembranças da infância e das constelações do tempo.

Lourdes Sarmento escreve com uma alma a saltar pelos dedos. Seu ritmo é passional e de uma fluidez selvagem identitária. Seu registro também é divino, com suave devoção aos sonhos, que mergulham no ciclo das raízes em fuga.

Outra torrente encantadora do seu espetáculo metafórico é o erotismo. A poesia das sensualidades e dos desejos encontra potência nos sustos indicadores de vida.

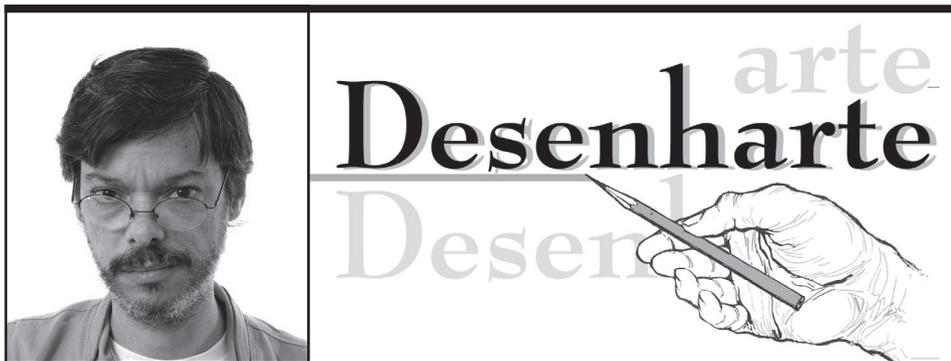
A experiência poética de Lourdes Sarmento é elevada. Poeta definitiva e amada

que dobra os lençóis da noite e entrega a claridade da memória aos que bebem do seu manancial de mistérios: “Como quem lembra o território da infância / e o ama / só o poema cobrirá de acácias / a casa construída / pedra sobre pedra / onde habito e sobrevivo / nela guardo a voz das pedras / e o casulo do meu silêncio.”.

\*Diego Mendes Sousa é poeta e crítico.



Lourdes Sarmento, Diego Mendes Sousa, Astrid Cabral e Aricy Curvello em Brasília, DF, em 2008.



Por Zé Roberto

zrgauna@hotmail.com

## SALA CARLOS COUTO

Planejada e realizada pela produtora cultural Teca Nicolau (@tecanicolau), a exposição Divina Elizeth marcou a reabertura da bela Sala Carlos Couto, em Niterói. Depois de longa temporada fechada por causa da pandemia do Coronavírus, o espaço cultural, anexo ao Teatro Municipal de Niterói, voltou a funcionar em março passado, mais precisamente no dia 8, quando o evento marcou as comemorações do Dia Internacional da Mulher.

Teca Nicolau reuniu diversas fotografias, capas de discos, reproduções de revistas antigas e um vídeo contando sobre a trajetória da cantora mais conhecida como "Divina". Os visitantes tiveram também a oportunidade de ouvir a gravação de uma apresentação, produzida especialmente para a ocasião, à maneira dos bons tempos da era de ouro das rádios Nacional e Mayrink Veiga.

O Desenho Brasileiro foi bem representado graças ao convite da Sala Carlos Couto ao coletivo Elas por Elas – As Desenhistas Brasileiras, que abriu espaço para 16 artistas que fazem parte do grupo feminino. A charmosa e famosa parede de tijolinhos, à esquerda da sala, foi toda destinada a exibir o talento das meninas do grupo que foi muito bem representado pelas artistas Andréa Paula Stelling, Cláudia Kfourri, Cláudia Sobral, Fani Loss, Greice Silva, Joseane Santiago, Karina Pereira, Liz França, Maria Rita, Pribalima, Rosana Fávero Amorim, Synnöwe, Thais Leal, Thamiris Freitas, Very Saiki e Yasmin Matos, que criaram ilustrações e caricaturas inspiradas na cantora homenageada. O coletivo mantém uma *fanpage* no Facebook, no endereço: facebook.com/elasporelasdesenhistasbrasil.

Para saber mais informações sobre a ótima programação da Sala Carlos Couto, o leitor do JORNAL DE LETRAS pode visitar o site cultural da prefeitura de Niterói ou seguir o perfil da sala no Instagram, respectivamente nos links: culturanniteroi.com.br/ e @sala-carloscouto.

Saúde e Arte!



Caricatura de Fani Loss.



Arte de Joseane Santiago.

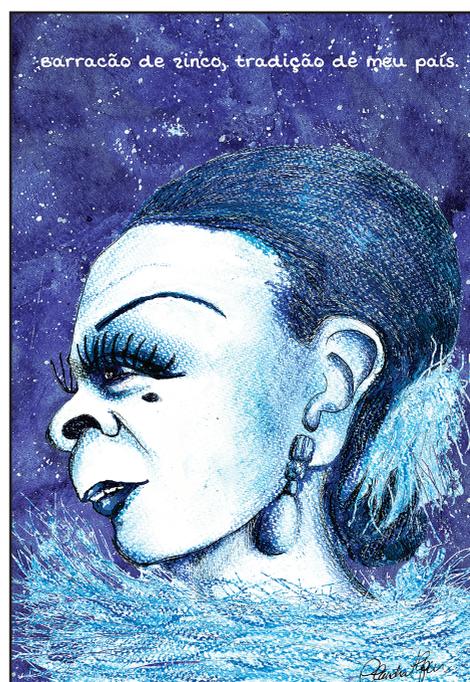
Joseane Santiago



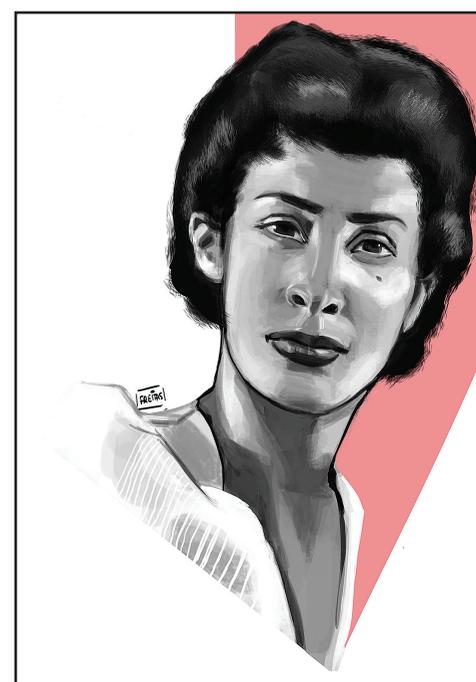
A cantora numa caricatura de Synnöwe.



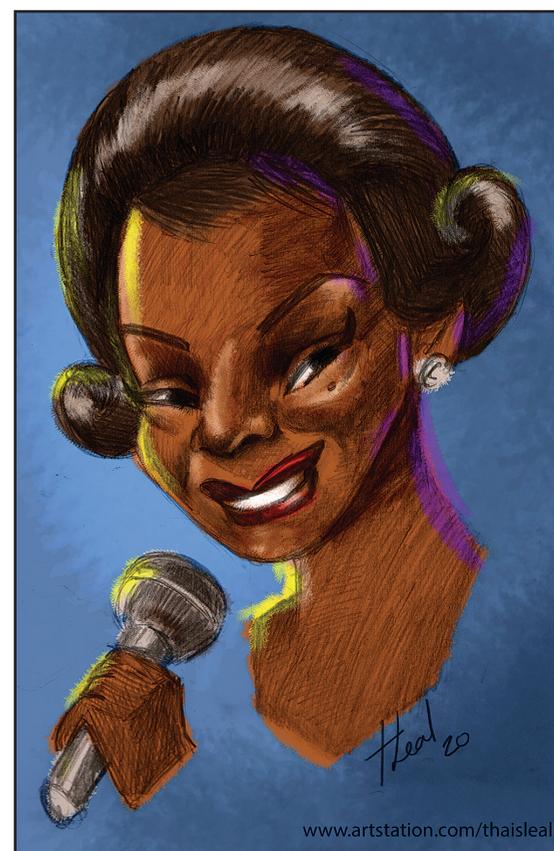
Elizeth Cardoso por Veronica Saiki.



Elizeth Cardoso numa espetacular arte de Cláudia Kfourri.



Elizeth vista por Thamiris Freitas.



Desenho de Thais Leal.

www.artstation.com/thaisleal

# Coração de Medusa de Renata Bomfim

Por Ester Abreu Vieira de Oliveira\*

*Coração de Medusa* (Editora do Autor, 2021) é a última obra poética de Renata Bomfim, que pertence à Academia Feminina Espírito-santense de Letras, e foi presidente na gestão de 2016-2018.

Renata Bomfim graduou-se em Artes Plásticas, mestra e doutora em Letras, pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Especializou-se em Psicologia Analítica Junguiana; Arterapia na Saúde e na Educação e em Psicossomática. Gestora cultural e educadora socioambiental com foco na sustentabilidade.

Destaca-se, nesta autora, a sua preocupação pela leitura, pela escritura, pela divulgação de obras literárias. Exemplo são as dedicatórias a escritor, as epígrafes de suas obras e de poemas, e as citações de escritores no interior de poemas.

Suas obras são também marcadas pelos prefácios e posfácios, verdadeiras críticas literárias, nas quais o leitor não pode deixar de ler para mergulhar no “coração” do “eu lírico” que assim explica em *Coração de Medusa* (p. 95): “O coração que pulsa, / O corpo que vibra, a despeito / Da dor, da dor, dor... e do medo! / Meus poemas são, todos eles.” Logo, sua “verdade” está em sua poesia, em seus versos, na comunicação que estes estabelecem.

*Coração de Medusa*, obra bilíngue, português/espanhol, traduzida pelo poeta espanhol Pedro Sevylla de Juana, creio que a mais resenhada de suas obras, surge num período da pandemia da Covid-19. O poema “O coração da Medusa” (p. 21), que dá nome à obra, trata da entrega amorosa e da consumação do ato da entrega: “A volúpia eternizada / numa estátua de carrara.” Esse mito se repetirá em outros poemas. Em “O silêncio da Medusa” (p. 47): “Incompreendida, só, / mal vista e mal dita, / Medusa guarda silêncio, / já não necessita das palavras / A pedra é consolo e guarita.” O erotismo exala no terceiro poema desta obra, com 17 versos, na maioria, heptassilábicos. Esse poema dá nome à obra, “O coração da Medusa”, p. 21, mas não

a representará em sua temática, pois esta é muito variada. O poema relembra uma obra de arte da mítica figura de Medusa: “A volúpia eternizada / numa estátua de carrara” (v. 16-17).

Nessa obra, intensificam-se poemas eróticos e o aproveitamento dos mitos, já ilustrados nas obras anteriores, e adentra-se na temática do feminismo, na valorização da mulher, na transformação da mulher e da importância da escritora (que mergulha os dedos “no abismo do tinteiro” (p. 23), que constrói “castelos com palavras” (p. 42), e que leva outras mulheres a escrever, a modificar-se: “A sua pena traçou a minha sina”, “[...] se minha avó me visse agora, / Quanto orgulho teria da sua linhagem” (p. 23). Também surge na obra aumento da indicação de mitos femininos: Circe, Penélope, Medeia, Salomé, Cleópatra, Medusa, Eva, Lilith, e se acrescentam mitos literários: Florbela, Beatriz, Renata, ficcionada, mitificada – “[...] Florbela e Renata. / A nova Eva, desbocada e louca, / traz no céu da boca o mel, o fel” (p. 18).

A obra se divide em quatro partes, todas com epígrafes: 1- *Canto iniciático*, a epígrafe são versos de *Piedra del Sol* de Octavio Paz, seguidos de dez poemas; 2- *Queda*, a epígrafe é formada de versos de *Prelúdios-intensos para os desmemoriados do amor* de Hilda Hilst, seguidos de dez poemas; 3- *Ascensão* com a epígrafe de versos de *Canto Cômico* de Hernesto Cardenal, seguidos de onze poemas; 4- *Outros poemas* não consta epígrafe, mas uma nota da autora explicando como e o porquê foram gerados e fazem parte do livro. Era como se a autora tivesse necessidade de um dizer mais de um desejo de “[...] ressoar a voz serpentina da Góngora” [... e que] “Foi entretecido nas sombras de mim mesma, fio a fio... cada ponto uma busca, cada busca uma surpresa, um vazio, uma saudade, uma esperança: medusa é a sombra de Penélope” (p. 98). Os sete poemas desse acréscimo são construídos por subdivisões.

O poema *Litania à serpente ou a nova gênese* (p. 17-18) dedicado às “mulheres desse novo mundo”, com 17 versos, apresenta um valor emotivo, sensorial em estado abstrato. Os olhos maravilhados, espantados, do “eu lírico” assiste a um encontro sigiloso do mundo e deseja renová-lo, e aumentar o amor, livrar-se “da luz que cega e separa” (v. 24): “O mundo, / Nave? Claustro? Túmulo? / Espaço vazio e nulo, / esteriliza pelo horror, o absurdo. / [...] / Preciso repovoar o mundo, / dar novos nomes a tudo e, / para Eros, missão precisa: / flechar a si mesmo!”

\*Ester Abreu Vieira de Oliveira é presidente da Academia Espírito-santense de Letras.

## Os ismos da hipocrisia

Por Jorge Fernando dos Santos\*

O episódio Monark abriu a caixa de Pandora. Diante da comparação entre nazismo e comunismo feita pelo presidente Bolsonaro, o embaixador de Israel no Brasil, Daniel Zohar Zonshine, declarou à *Folha de S. Paulo* que “comunismo, até onde eu sei, não chamou para o assassinato de grupos de pessoas e populações”. Realmente, o marxismo não prega o extermínio em massa. No entanto, fatos históricos contrariam o discurso.

Discriminados na Rússia desde a era dos Czares, os judeus continuaram sendo perseguidos pelos bolcheviques após a revolução de 1917. Cerca de 200 mil foram mortos durante da Guerra Civil, segundo estatísticas. Lênin chegou a discursar em defesa deles, mas orientou para que fossem enviados às frentes de batalha e que jamais ocupassem posições administrativas.

Anos depois, o regime stalinista tentou criar um estado judeu na Crimeia e na Sibéria, mas desistiu do projeto. Em 1948, lançou a campanha contra “os cosmopolitas sem raízes”. Vários artistas e autores de literatura iídiche foram mortos ou presos. Além dos judeus, outros povos foram perseguidos na antiga União Soviética. Prova disso foi o Holodomor, termo que significa “deixar morrer de fome”.

A partir de 1932, a retirada dos suprimentos de grãos da Ucrânia a mando de Moscou resultou na morte de quase 5 milhões de pessoas de todas as idades. Cadáveres se amontoaram nas ruas e nos campos, outrora cobertos de plantações de trigo. O tema é abordado no impactante filme *A sombra de Stálin*, em cartaz na Netflix.

### Na Polônia e na China

Vale lembrar que foi o pacto Molotov-Ribbentrop que permitiu a ocupação da Polônia pelos alemães, em 1939. Stálin se juntou aos aliados na guerra ao nazifascismo somente depois de ser traído por Hitler, que ordenou a invasão da Rússia. Após a rendição do reich aos soviéticos, em 1945, Berlim ficou isolada e a população só não morreu de fome graças à ajuda dos americanos, que jogavam comida e remédios de paraquedas.

No final da guerra, milhares de poloneses reagiram à ocupação alemã na certeza de serem ajudados pelos russos. Todavia, sob ordens de Stalin, as tropas vermelhas aguardaram o desfecho dos combates, o que permitiu a morte de nacio-

nalistas que poderiam oferecer resistência à ocupação do seu território. Passada a guerra, a Polônia se tornou satélite da União Soviética. Depois de décadas de repressão e de lutas, a constituição polonesa banuiu os partidos nazista e comunista, cujos símbolos são proibidos no país.

Enquanto isso, na China, os hans representam 95% da população e seu poder predomina sobre dezenas de outras etnias desde a revolução comunista que levou Mao Tsé-Tung ao poder. A etnia mais reprimida é a dos uigures, de religião muçulmana. A ONU estima que mais de 1 milhão deles estejam detidos em campos secretos no oeste chinês, representando cerca de 10% da população minoritária.

O governo define os campos de concentração como “centros de educação vocacional”, cujo objetivo seria afastar os cidadãos do terrorismo e reintegrá-los à sociedade. Contudo, a maioria das detenções é motivada pela prática religiosa. O simples uso de véu ou de barba comprida acende o sinal de alerta dos agentes governamentais.

### No Camboja e em Cuba

Na repressão aos uigures, o PC chinês usa um sistema amplo de tecnologia da informação. Hackers a serviço do governo invadem celulares, para gravar ligações, exportar fotos e localizar conversas em aplicativos de mensagens. Outra técnica consiste no reconhecimento facial por meio do sistema integrado de câmeras de vigilância controlado por inteligência artificial. O controle também é feito por meio de exames de DNA.

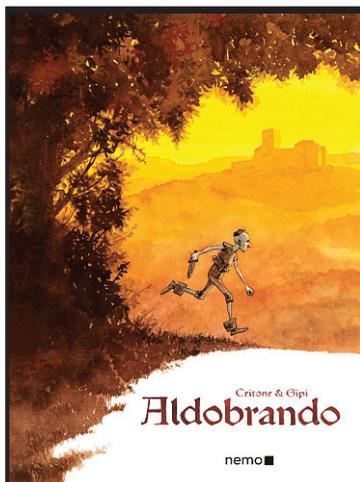
Outros episódios, em diferentes partes do mundo, comprovam que o comunismo nunca foi um mar de rosas. Não podemos esquecer, por exemplo, a violência do Quemer Vermelho, que assassinou mais de 2 milhões de pessoas de diferentes etnias, no Camboja; ou a Isla de La Juventud, para onde o regime castrista enviava os gays cubanos para serem “reeducados” no início da revolução.

Segundo o economista Ludwig von Mises, membro da Escola Austríaca, 17 dos 25 pontos do nazismo foram inspirados no socialismo. Pontos como a estatização da economia, a centralização do poder nas mãos de um único partido e o controle da informação pelo Estado. Antes de se chamar Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, a agremiação tinha o nome de Partido Socialista Alemão. Por essas e outras, não importa a ideologia, nenhum regime ou discurso totalitário deveria ser tolerado.

\*Jorge Fernando dos Santos é jornalista, escritor e compositor. Tem 46 livros publicados. Entre eles, *Palmeira Seca* (Prêmio Guimarães Rosa, 1989), *Alguém Tem que Ficar no Gol* (finalista do Prêmio Jabuti, 2014) e *Vandré – O homem que disse não* (finalista do Prêmio APCA, 2015).

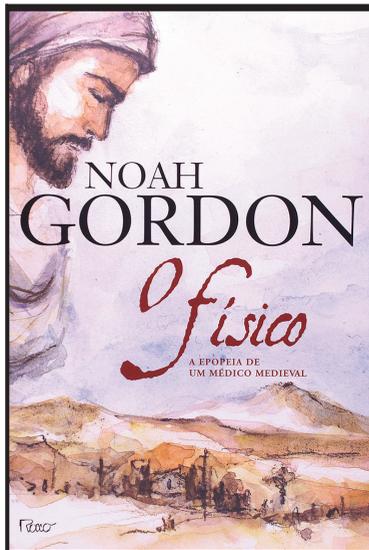
**J** **Novos Lançamentos**

bethalmeida23@gmail.com

**CLÁSSICO MODERNO**

Uma história capaz de tocar o coração dos leitores de todas as idades, com suspense da primeira à última página. Gipi narra a aventura do jovem órfão Aldobrando em um cenário medieval fantástico, que faz lembrar histórias clássicas, como *O Nome da Rosa* e *Dom Quixote*. Em um ambiente hostil, onde a crueldade e a opressão prevalecem, Aldobrando precisa partir ao encontro do seu destino. Desenhado por Luigi Critone, *Aldobrando* (Editora Nemo) é um conto sobre a pureza de caráter, os enganos do poder e a determinação necessária para perseguirmos nossos sonhos. Antes de “descer para lutar no Poço”, o pai de Aldobrando, sabendo que sua hora havia chegado, o confiou a um mago. Este deve protegê-lo e educá-lo até que ele tenha idade suficiente para descobrir o vasto mundo. Alguns anos depois, a preparação de uma poção se transforma em tragédia. Gravemente ferido no

olho por um gato que não quis se deixar escaldar, o mago pede a seu jovem protegido que lhe traga a “erva do lobo”. Mas como alguém pode transitar pela botânica quando nunca pôs os pés para fora e ainda acaba acusado pelo assassinato do príncipe de Due Fontane? *Aldobrando*, um conto iniciático e magnético, é assinado por Luigi Critone e Gipi. Gipi (o pseudônimo de Gian-Alfonso Pacinotti) é um dos mais renomados cartunistas e ilustradores italianos de todos os tempos. Luigi Critone estudou arte em Roma. Em seguida, foi aluno da famosa Escola Internacional de Quadrinhos, em Florença.

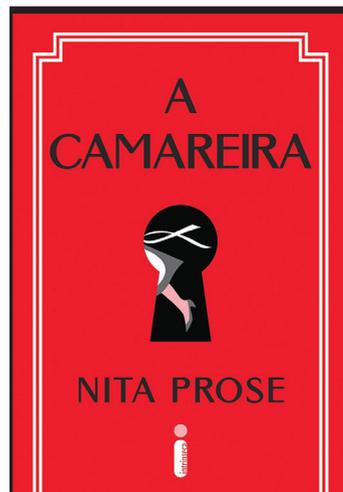
**MÉDICO MEDIEVAL**

O romance de Noah Gordon, *O Físico* (Editora Rocco) recria o século XI de maneira tão eloquente que o leitor é levado em suas centenas de páginas por uma onda gigantesca de autenticidade e imaginação. Conta a história do filho mais velho de um carpinteiro na Inglaterra medieval, Rob J. Cole, protagonista desta saga inesquecível que conquistou milhões de fãs ao redor do mundo. Ao tornar-se órfão, Rob J. passa a acompanhar um cirurgião de métodos duvidosos e acaba descobrindo um extraordinário dom: a habilidade de prever a morte. Em suas andanças, Rob J. terá que fazer malabarismo – literalmente – e brigar com um filhote de urso para entreter uma plateia. Mas é o encontro com o médico Merlin (o nome parece familiar?) que provoca uma mudança no rumo de sua vida, lançando-o em uma aventura no Oriente. A descoberta da medicina na Pérsia será, mais do que uma provação, o início de uma tradição que perdurará por gerações na família Cole. Disfarçando-se de judeu e se embrenhando em novos idiomas – o persa e o hebraico antigo – Rob J. tem um longo caminho pela frente. Para cumprir seu destino, ele irá defender-se de saltadores de estrada, assistir a brigas de bar e trabalhar na lavoura. Em sua epopeia, Rob J. descobrirá, ainda, o amor e o ciúme. Participar de uma grande maratona, sagrar-se médico, jogar xadrez com o rei da Pérsia e praticar enfim a tão sonhada técnica de curar são os ingredientes finais dessa trama inesquecível.

**TRANSPARÊNCIA**

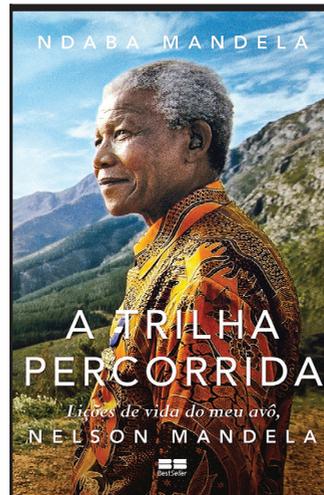
*Entre a Fé e os Fatos* (Máquina de Livros), do padre Rafael Vieira, que há quase 40 anos concilia o sacerdócio com o jornalismo, conta sobre as dificuldades de abraçar as duas funções, as limitações de tratar pautas mais delicadas à Igreja e a autocobrança para produzir reportagens sem amarras religiosas. O livro reúne histórias vividas por Rafael Vieira desde os anos 1980, quando iniciou na profissão quase simultaneamente à sua ordenação. Teve o privilégio de participar da cobertura de três Copas do Mundo (1994, 1998 e 2010). Rafael trabalhou ainda como redator e locutor na Rádio Vaticano, esteve próximo aos últimos três Papas e recentemente foi assessor de imprensa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a principal entidade católica do país. Rafael Vieira já foi repórter, editor, apresentador e até editorialista. *Entre a Fé e os Fatos* tem prefácio de Gerson Camarotti, da Globonews, um dos maiores especialistas em coberturas religiosas e o primeiro jornalista brasileiro a fazer uma

entrevista exclusiva com o Papa Francisco. Camarotti escreve em seu texto: “A transparência na abordagem dos temas é uma ajuda preciosa para entender como o clero em geral costuma olhar a imprensa. Para os jornalistas, é pedagógico conhecer a construção da notícia pela ótica das fontes.” Rafael lembra a crise nervosa causada por uma conversa por telefone com Fernanda Montenegro, em que a ligação caiu três vezes.

**MISTÉRIO**

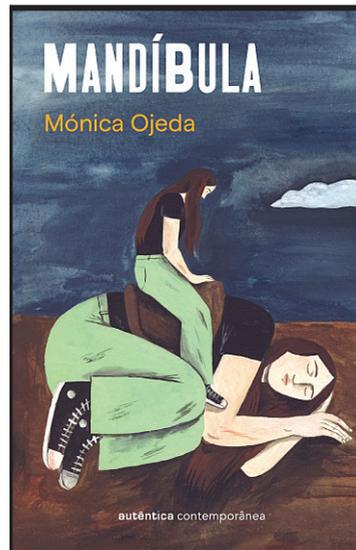
*A Camareira* (Editora Intrínseca) é o romance de estreia de Nita Prose. Eleito um dos livros mais aguardados do ano, conquista leitores com mistério, que já tem Florence Pugh no elenco da adaptação audiovisual. Desde que a avó morreu, nove meses atrás, Molly tem navegado sozinha pelas complexidades da vida. Sua única alegria é ainda poder se dedicar com prazer ao emprego e realizar um trabalho impecável. Camareira que faz a limpeza do Hotel Regency Grand, tem para o encargo a limpeza, a pessoa ideal. Certo dia, ao entrar na suíte do infame e riquíssimo Charles Black, a vida organizada de Molly vira de cabeça para baixo: além de encontrar os cômodos jovens em completa desordem, se depara com nada menos que o próprio Sr. Black morto na cama. Antes mesmo que entenda o que está acontecendo, no entanto, seu comportamento incomum levanta suspeitas da

polícia, e a camareira, acostumada a passar despercebida, logo se vê presa em uma teia de mentiras e mal-entendidos que não faz ideia de como desfazer. Felizmente para Molly, amigos que ela nunca soube que tinha se unem em busca de pistas sobre o que realmente aconteceu com o Sr. Black. Mas eles serão capazes de encontrar o assassino antes que seja tarde demais? Neste mistério que explora o que significa ser igual e ao mesmo tempo muito diferente de todos à sua volta, o leitor se vê em uma jornada emocionante, em que a verdade por trás de uma história nem sempre é absoluta. E quando reviravoltas parecem ter chegado ao fim, é melhor compensar: *A Camareira* está pronta para surpreender.

**RITUAL DE CORAGEM**

Nelson Mandela foi um dos maiores defensores dos direitos civis do povo negro sul-africano; um revolucionário anti-apartheid; um líder humanitário mundialmente conhecido e o primeiro presidente negro da África do Sul. Mas, para Ndaba Mandela, era apenas “vovô”. Já imaginou como seria ver de perto algumas das grandes transformações sociais do século XX sendo neto de um dos maiores líderes da história humana atual? Em *A Trilha Percorrida – Lições de vida do meu avô, Nelson Mandela* (Editora Best Seller), Ndaba Mandela conta em detalhes sua trajetória de vida e a de seu próprio país. De sua infância em uma Soweto segregada até a residência presidencial, onde morou com o avô, Nelson Mandela, até a vida adulta – Ndaba narra como sua jornada foi atravessada pela história sociopolítica da África do Sul e pelo próprio sobrenome. Em *A Trilha Percorrida*, o autor conta como, aos poucos, neto e avô estabeleceram uma

conexão e como os frutos dessa relação impactaram profundamente a vida de ambos para sempre. Com uma escrita íntima e envolvente, a extraordinária jornada de Ndaba reflete a formação da própria África do Sul, passando pelas turbulências de um país profundamente ferido pelo colonialismo, racismo e Apartheid, sem deixar de dar lugar ao legado que herdou de Nelson Mandela vistas nas 11 lições descritas no livro, como, por exemplo, paz, esperança e mudança positiva. “Nós vivemos em um mundo em que tudo está interligado, mas precisamos nos certificar de que entendemos como estamos tratando uns aos outros. Devemos lutar por um mundo mais próspero para todos” – Ndaba Mandela

**JORNADA ATERRADORA**

Neste romance perturbador e polifônico, terrível e hipnótico, *Mandíbula* (Editora Autêntica), Mónica Ojeda recria um mundo do feminino monstruoso, impiedoso e sem limites, em que perigo e desejo reinam como uma fascinante deusa de duas cabeças. Fernanda, uma insolente estudante do Ensino Médio apaixonada por literatura e filmes de terror, acorda com os pés e as mãos amarrados em uma cabana no meio da floresta. Sua sequestradora, entretanto, não é uma estranha. Trata-se de Miss Clara, a professora de Literatura, uma mulher assombrada pela memória da própria mãe e assediada durante meses por suas alunas do Colégio Bilingue Delta, uma escola católica de elite. Rapidamente, os motivos do sequestro se revelarão muito mais complexos e sombrios do que a vingança pelos traumas sofridos pela professora. Com um texto imaginativo e surpreendente, a equatoriana Mónica Ojeda cria, neste romance, não apenas personagens desconcertantes, mas também uma ambientação

perturbadora para uma narrativa de nuances e contornos tênues entre o horror, o desejo e a perversidade, investindo nas relações de professoras e alunas, mães e filhas, irmãs e amigas do coração. Aqui, o medo e sua relação com os laços familiares, a sexualidade e a violência que espreguiça o amor estão expressos, várias vezes literalmente, por meio da mordida feroz e do ataque quase sexual, das brincadeiras dolorosas e da confiança quase dependente entre meninas e mulheres que se conectam, mas também se (a)traem.

#AFavorDoBrasil



Visite nosso site e saiba mais



# CHEGOU AHORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o "CNC Transforma", movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em [afavordobrasil.cnc.org.br](http://afavordobrasil.cnc.org.br)



Federações



Sindicatos



SESC



Senac

Trabalho a favor do Brasil.

# A “Semana de Arte Moderna Capixaba”

Por Anaximandro Amorim\*

Pouca gente sabe (inclusive, no próprio Espírito Santo), mas, de 04 a 10 de fevereiro de 1963, teve lugar, na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), a “I Semana dos Novos”, com direito até a manifesto, organizada pelos jovens Claudio Lachini, Xerxes Gusmão Neto e Carlos Chenier, os principais expoentes do “Clube do Olho”. Controversa, a semana passou longe de criar novos paradigmas, como foi com o evento no qual ela se inspirou, a “Semana de 22”, mas teve, ao nosso ver, o condão de apontar uma mudança na direção dos ventos que sopravam sobre o fazer literário em terras espírito-santenses.

Os estudiosos da literatura brasileira produzida no Espírito Santo são unânimes em afirmar que a “Semana de Arte Moderna de 1922” não teve repercussão em Vitória, capital do Estado e celeiro da maioria dos movimentos artísticos capixabas. Mesmo a criação da Academia Espírito-santense de Letras, um ano antes, contou com poetas cujas obras refletem o que ainda se produzia neste rincão: poemas rimados e milimetricamente metrificados, ao sabor de vanguardas que já perdiam força nos grandes centros. Afirmamos que, até a década de 1950, ainda havia muitos poetas capixabas neoparnasianos e neossimbolistas.

Não que não houvesse, no entanto, autores e autoras que já produziam o verso livre e branco, o poema e a prosa modernos. Gente do calibre de Haydée Nicolussi, mulher de vanguarda no Espírito Santo, ou mesmo Achilles Vivacqua, que estava entre os mineiros, já mostravam “modernidade”; Madeira de Freitas, o “Mendes Fradique”, capixaba radicado no Rio, lançaria seu romance *Dr. Voronoff* três anos antes de Mario de Andrade publicar o seu *Macunaíma*; e até Antonio Dias Tavares Bastos, campista de nascimento, mas capixaba de adoção, produzia seus versos em francês, em solo vitorienense, flertando com uma forma mais livre, menos presa à rigidez métrica.

Houve uma tentativa de se introduzir, no ES, o “modernismo antropofágico” nas nossas letras. Foi Attilio Vivacqua, irmão de Achilles e de Dora (a eterna “Luz del Fuego”), e então Secretário de Instrução do Governo de Aristeu Borges de Aguiar, juntamente com seu assessor, o jornalista Sezefredo Garcia de Resende, diretor de *O Diário da Manhã* e membro da Academia Espírito-santense de Letras, quem se aproximou dos “modernos”, tanto paulistas quanto fluminenses, num duplo afã: tentar botar em marcha seu projeto da “Escola Ativa”, que representava um programa modernista da literatura antropofágica; e contribuir para uma modernidade das letras capixabas. Para tanto, Attilio convenceu os “modernos” a transformar Vitória no palco de um “Primeiro Congresso Nacional de Antropofagia”, o que chegou até a ser anunciado na “Revista” de 1929, não logrando, no entanto, êxito: problemas pessoais como a separação de Oswald e Tarsila e, mais adiante, o movimento getulista fizeram com que o projeto jamais saísse do papel. Os poetas capixabas seguiam, em sua maioria, adeptos à poesia “tradicional”.

O advento da “I Semana dos Novos”, portanto, toma corpo muito após a “Semana de 22”. Quarenta e um anos depois, para ser mais exato. Seria, de uma certa forma, uma tentativa de “reproduzir” a semana de São Paulo,

em solo capixaba, o que, por si só, já encerra polêmicas. Cláudio Lachini e Xerxes Gusmão Neto eram egressos da Faculdade de Direito da Ufes; tanto eles quanto Carlos Chenier eram jovens de esquerda, que viam neste movimento uma tentativa de “estremecer” as artes capixabas. A “Semana dos Novos”, no entanto, pouco ou nada “estremeceu”, de fato. Não houve, a rigor, uma “ruptura”, mas podemos admitir que alguma contribuição ficou na história da literatura do Espírito Santo.

Primeiramente, seu manifesto: há uma contradição interessante no documento, que, ao mesmo tempo em que funda uma agremiação (o “Clube do Olho”) e se põe, de certa forma, “antiacadêmico” (logo, “não tradicional”), tece loas ao que sobraria da “Academia Capixaba dos Novos” (ACN), criada em 1946 e já dando seu canto de cisne. Jeová Barros, seu último presidente, aliás, aceita uma aliança com os “modernos capixabas”, pondo fim à instituição e migrando para o “Clube”, junto com outros.

A própria Academia Espírito-santense de Letras se dividiu entre os que repudiavam e apoiavam os meninos “modernos”. Destaque para a figura de Renato Pacheco, juiz, historiador, escritor e incentivador da literatura do ES. Pacheco, que fizera parte da primeira diretoria da ACN, colocou-se do lado dos “meninos”, junto com o Padre Franz Victor Rudio, que trabalhava no Departamento de Cultura da Ufes. Ambos foram responsáveis por apoiar o evento, que aconteceu na Faculdade de Filosofia.

Ferreira Gullar, Geir Campos e José Carlos Oliveira foram “anunciados” no manifesto. Nenhum dos três apareceu. Nem Carlinhos, que, à época, estava em Vitória, para lançar o seu “Os olhos dourados do ódio”. A semana, no entanto, aconteceu, com seus saraus, debates e exposições. Apesar de ser anunciada como “I Semana”, o evento não passou da primeira edição, transformando-se, em abril daquele ano, em um “Seminário Cultural da Juventude Capixaba”. Houve, também, a tentativa de uma antologia, que não saiu do papel.

O advento da ditadura civil-militar de 1964 fez com que muitos desses jovens poetas ou deixassem o ES ou submergissem. A tentativa de fazer uma edição capixaba da “Semana de 22” não passou, portanto, de um ímpeto juvenil. Sua existência, porém, é uma prova de um modernismo, ainda que tardio, nas letras capixabas. Após aqueles agitados anos 1960 e nas décadas que se seguiram, o Espírito Santo viu nascer/acolheu uma série de escritores que trariam a marca da modernidade, culminando, vinte anos

mais tarde, com uma geração de autores reconhecidos, até mesmo, fora do Estado (como, por exemplo, Bernadette Lyra, Reinaldo Santos Neves ou Waldo Motta). O “Modernismo de 22” pode ter levado décadas para amadurecer no ES, mas assim o fez. A iniciativa dos meninos “modernos” de 1963 entrou para a História.

\*Anaximandro Amorim é membro da Academia Espírito-santense de Letras.



O acadêmico Anaximandro Amorim e a presidente da AEL Ester Abreu.

## O território do corpo

Anaximandro Amorim

Descobrir um país  
Quando tudo é novo  
Na euforia de um eterno começo

Sem medo do perder-se  
Entre deltas e picos  
Tendo por destino  
O território do corpo

Singrar a loucura dos sentidos  
– essa deliciosa bandeira  
um ópio um calabouço –  
Tendo uma venda nos olhos  
– a da imagem-torso

Querer o desconhecido  
O tátil um labirinto  
Singrar sem rumo  
A brincadeira do errar

Habitar esse porto  
Ainda que instante  
Como se fosse primeiro  
Inocente infante  
Como poema sem fim  
Como nau errante.

3 de junho de 2018.

# Perdoai-nos

Por Peilton Sena\*

Cascatas e riachos,  
Regatos e lagoas,  
Nascentes e rios  
Perdoai-nos

Oceanos e geleiras,  
Mares e montanhas,  
Golfinhos e baleias  
Perdoai-nos

Cerrado e campinas,  
Mangues e restingas  
Mata atlântica e caatingas  
Perdoai-nos

Ursos polares e elefantes,  
Leopardos e gazelas,  
Rinocerontes e panteras  
Perdoai-nos

Tatus canastras e tamanduás,  
Araras e botos cor-de-rosa,  
Harpias e lobos guarás  
Perdoai-nos

Gaviões e preguiças  
Peixes bois e leões  
Orangotangos e bisões  
Perdoai-nos

Flamingos e hipopótamos,  
Gaivotas e beija-flores  
Sabiás e setes cores,  
Perdoai-nos

Lobos marinhos e lontras,  
Tubarões e arraias,  
Pinguins e estrelas do mar  
Perdoai-nos



Foto: Gerd Altmann\_Pixabay

Pombas e serpentes,  
Cangurus e formigas  
Sapos e rãs  
Perdoai-nos

Borboletas e mariposas  
Tigres e raposas  
Calopsitas e albatrozes  
Perdoai-nos

...  
Mãe terra  
Terra mãe  
Perdoai nossa

Ganância  
Livrai-nos da  
Cegueira da  
Ignorância

...  
Pássaros, vagalumes, humanos,  
Rios, pedras, montanhas, serras,  
Árvores, geleiras, aranhas,  
oceanos...  
Somos todos Planeta Terra  
E C O.

\*In: "Gritos da Natureza – Eco p oemas", de Peilton Sena, membro da Academia Santista de Letras.

## Toda teoRiA tem um LaDO PRático. ESTáGIO

o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▶ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▶ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▶ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▶ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

**FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !**

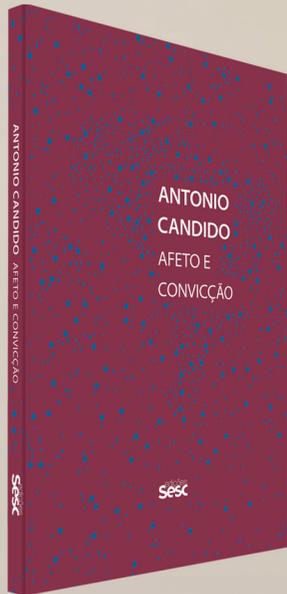
INFORMAÇÕES:  
Disque Estudante  
(21) 3535-4545



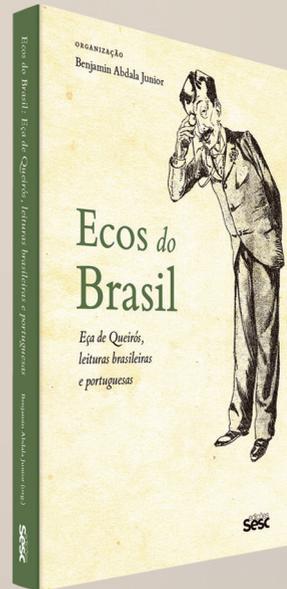
Cadastre-se através do site [www.ciee.org.br](http://www.ciee.org.br)



# PAIXÃO PELA LEITURA

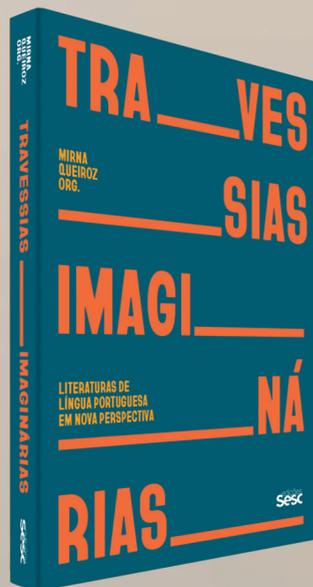


**ANTONIO CANDIDO**  
afeto e convicção  
Vários autores

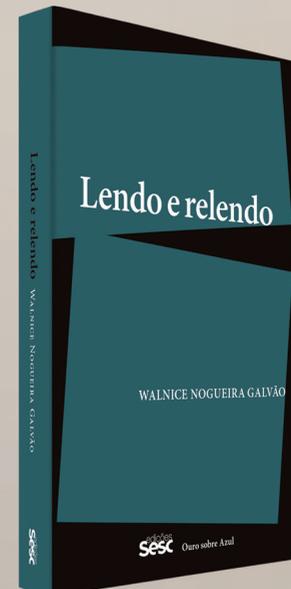


**ECOS DO BRASIL**  
Eça de Queirós,  
leituras brasileiras e  
portuguesas  
Benjamin Abdala  
Junior

**TRAVESSIAS  
IMAGINÁRIAS**  
literaturas de língua  
portuguesa em nova  
perspectiva  
Mirna Queiroz (org.)



**LENDO E  
RELENDO**  
Walnice  
Nogueira  
Galvão



**REFLEXÃO COMO  
RESISTÊNCIA**  
homenagem  
a Alfredo Bosi  
Augusto Massi, Erwin  
Torrvalho Gimenez, Marcus  
Vinicius Mazzari e Murilo  
Marcondes De Moura (org.)  
Edições Sesc São Paulo |  
Companhia das Letras



**O LEITOR COMO  
METÁFORA**  
o viajante,  
a torre e a traça  
Alberto Manguel